

Revista de Higgs

FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA CRISTÃ

SELECTA

A.A. Gritelli
Carmina Nogueira
Celso Lima
Daniel Grisolia
Eduardo Nishitani
Fred Utsunomiya
Machado de Assis
Marcelo Dias
Rafael Máximo
Sammis Reachers

missio-onis
01
OUT
2024

EXPEDIENTE

Editor Executivo Eduardo Y. Nishitani

Editor Adjunto João G. Moreira

Equipe de Pareceristas

Celso Lima

Darlene Mendes

Eduardo Y. Nishitani

João Gomes

Taynara Melo

Valquíria Fidélis

Ilustrador Rafael B. Duarte

Layout de capa Rafael B. Duarte

Outubro/2024

ROL DE CONTEÚDOS

02 Nota do Editor	João G. Moreira
03 Carta do Editor	Eduardo Y. Nishitani
05 Entrevista a Sammis Reachers	João G. Moreira
10 Os lírios de Kierkegaard	Sammis Reachers
11 A Ordem Luterana da Cruz Combatente	Sammis Reachers
14 A Esperança	Rafael Máximo
17 Senhor, eu quero ver!	Eduardo Y. Nishitani
20 O Sonho de Raquel	Carmina Nogueira
24 O Museu da Revelação	Celso Lima
37 A Última Noite de Puritan	A. A. Crittelli
45 Farinha de Rosca	Daniel Grisolia
52 A Igreja do Diabo	Machado de Assis
61 O Big Reset	Fred Utsunomiya
67 O Pior Vírus de Todos	Marcelo Luiz Dias
81 Natureza Diferente	Marcelo Luiz Dias

NOTA DO EDITOR

A gestão de um periódico literário no Brasil tem muitos desafios, ainda mais na atualidade, com o constante aumento de demanda de produção e escrita criativa, recursos escassos para a execução da atividade e, no caso específico do Grupo Teoficção, este novíssimo projeto de editoração literária do Grupo (Revista De Higgs).

A avaliação dos textos é realizada pelo modelo de dupla revisão às cegas (Double blind peer review). Nessa etapa são adotados critérios, quanto à qualidade do trabalho, relevância, desenvolvimento do tema, clareza da redação, originalidade e consistência.

Nesse método, nem os autores dos textos sabem quem são os revisores, nem os revisores sabem quem são os autores. Isso é feito para evitar que os revisores sejam influenciados por preconceitos, expectativas ou considerações sobre a importância dos autores.

A revisão duplo-cego é um dos principais mecanismos usados para garantir a qualidade da literatura.

Observo que qualquer semelhança com pessoas reais (nos textos) é mera coincidência. Destaque-se também que a responsabilidade sobre o conteúdo de cada texto é de seus respectivos autores.

João G. Moreira
Editor Adjunto

CARTA DO EDITOR

Desde já agradecemos por acessar a edição número 1 da revista digital De Higgs, que nasce do sonho de glorificarmos ao Criador do Universo com nossos dons e talentos, principalmente no campo da escrita.

Nós da equipe da De Higgs estamos jubilosos pelo resultado e honrados pela presença dos autores que estão conosco na histórica edição inicial. Os diversos estilos de textos que tivemos o privilégio de degustar com os olhos superaram nossos anseios. Contos, entrevista, meditação, poema... enriquecem essa primeira edição.

Essa revista digital demonstra nossos ideais, de que podemos consagrar dons, talentos, abstrações artísticas... ao Infinito e Eterno. Uma das metas é, juntos, explorarmos as fronteiras da ficção científica e/ou da fantasia, para expandirmos as formas de espalharmos as profundas verdades cristãs. Acreditamos na força (que a Força de Deus esteja conosco) da união (que não faz apenas açúcar) que a revista pode proporcionar: unidos, desenvolvermo-nos para criar textos inspiradores. Cada novo escritor cristão que surge é mais um que espalha sementes do Reino.

E ambicionamos alcançar o número 2 do De Higgs, seguindo na velocidade e trajetória traçadas pelo Senhor dos Exércitos, aspirando ultrapassar a exosfera. Convidamos a todos: viajemos imaginariamente utilizando papel, caneta, lápis, PC, tablet, smartphones... rascunhando, desenhando, compondo, lendo, escrevendo, relendo, anotando, frisando... com todos os gêneros e subgêneros da ficção científica e/ou fantasia, sempre com viés cristão.

Caso haja discordâncias de opiniões, lembremos de uma das frases do Agostinho de Hipona: "No essencial, a unidade; na dúvida, a liberdade; em tudo, a caridade." Analisaremos os textos que vierem, em oração. Enviem-nos suas obras, leremos, e aceitas pela equipe, é nossa intenção publicar. Estejam à vontade para nos chamar, sugerir, enviar artigos, histórias, prosas, poesias, meditações, entrevistas; reflexões sobre filmes, novelas, seriados, games, histórias em quadrinhos etc., mas sempre pela óptica bíblica. Participe você também desta magnífica história! Necessitamos de

voluntários. Nós mesmos não obtemos nenhum ganho financeiro com esse, arrisco dizer, ministério. Estamos ávidos pela sua contribuição. Deixem um meio de contato para conversarmos caso seu escrito/digitado obtenha aprovação ou queira ajudar-nos.

Aos leitores e a todos que contribuíram de alguma forma da nossa primeira edição, parabenizamos e agradecemos. Ao Altíssimo, àquele que nos inspira, todo louvor, honra e glória!

Eduardo Y. Nishitani
Editor Executivo

ENTREVISTA AO ESCRITOR

SAMMIS REACHERS

1) De Higgs: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início como escritor?

Sammis Reachers: Meu início deu-se ainda na infância, lá pelos onze ou doze anos, quando eu escrevia, sem entender bem o que estava fazendo, narrativas de ação e aventura. Claro, tudo bastante tosco rsrs. Na adolescência, pela altura dos 15 anos, descobri a poesia, e nela enveredei por muito tempo, antes de finalmente retornar à prosa.

2) De Higgs: Fale sobre seu último livro.

Sammis Reachers: No tocante à ficção cristã, em 2015 lancei o volume de contos *O Pequeno Livro dos Mortos*, onde muitas das narrativas têm fundo ou tema cristão. E em 2023 lancei meu primeiro romance, *A Ordem Luterana da Cruz Combatente*. É um romance de ação e aventura (sempre fiel a meus inícios, como disse acima), que utiliza personagens reais da história e atualidade, e propõe, para além da ação típica de romances de espionagem, aventura e fantasia, questionamentos éticos e teológicos diversos. É na verdade uma duologia, e a segunda parte está a caminho.

3) De Higgs: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Sammis Reachers: Eu sei que, se me forçar a escrever, o texto nascerá, duma forma ou de outra. Assim fazem os escritores profissionais, que trabalham com prazos e contratos. Mas, como tantos outros, prefiro esperar a visita da inspiração. Claro, ela costuma fazer visita em momentos propícios, onde o ócio criativo pode “procriar”. Mas por vezes, surge na agitação do dia a dia. Como inspiração, eu gosto de ser impactado por outras obras de arte, do cinema à pintura, de um poema a uma crônica, ou simples frase. Muitas vezes uma visão ou raciocínio inusitado de alguém é a chave para me lançar em caminhos novos, um verdadeiro abrir de portas da percepção e imaginação.

4) De Higgs: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Sammis Reachers: No tocante a literatura de maneira ampla, o Brasil conta, como já de há muito, com muitos bons escritores, e a renovação é constante, apesar dos detratores. Talvez nos falte (já de há muito) aquela figura de exceção, o gênio incontestado, que se

imponha a nível internacional. No mais há fases, temas, modismos e ostracismos diversos. No universo da ficção cristã, embora não seja um leitor assíduo, percebo um promissor *boom* do gênero. Claro, muito desse *boom* se deve ao fenômeno de mulheres bem jovens escrevendo para mulheres bem jovens, uma literatura que, se tenta variar em gêneros, possui sim suas inescapáveis limitações técnicas e qualitativas de nicho. Mas tal fenômeno é bastante positivo, e cria público, gera impacto midiático, marca presença e já começa a mobilizar editoras até do meio “secular”. Que por sinal sempre nutriram um preconceito firmado contra a literatura cristã em geral, muitas preferindo “perder dinheiro” a ingressar nessa seara.

5) De Higgs: Como você vê a questão da literatura cristã?

Sammis Reachers: Uma disputa da crítica literária já centenária é a que questiona se uma literatura deve (pode) ou não ser engajada. Muitos puristas creem que, quando posta a serviço de uma ideia, uma ideologia, seja o cristianismo ou o marxismo, por exemplo, uma literatura INCONTORNABELMENTE perde qualidade. A meu ver isso é uma visão míope e tacaña, que de um lado tenta reificar a literatura, conferindo-lhe uma nobreza de virgens célicas que ela nunca possuiu, não o pode e nem o quer; e, doutro lado, teme expor de forma mais explícita uma posição ou cosmovisão, mas isso, a cosmovisão, é inescandível, e perpassa a toda e qualquer criação humana. Assim, a literatura cristã, como qualquer outra, tem plena e livre razão de ser e existir.

6) De Higgs: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Sammis Reachers: Meu romance está disponível de forma impressa e eletrônica (e-book). O ebook pode ser adquirido na Amazon, neste link: <https://loja.uiclap.com/titulo/ua34797/>. O livro impresso está disponível para encomendada na Uiclap (aqui: <https://loja.uiclap.com/titulo/ua34797/>) ou, por um preço bem mais acessível, diretamente comigo. Quem desejar, pode me escrever no e-mail: sreachers@gmail.com

Quanto a meu trabalho autoral e editorial, neste link é possível ter acesso a bastante coisa: <https://linktr.ee/sreachers>

7) De Higgs: Existem novos projetos em pauta?

Sammis Reachers: Além da segunda e última parte do romance, espero antes, talvez este ano ainda, publicar um novo livro de contos. Mais uma vez, boa parte deles possui um fundo ou discurso cristão, e abarcam variados gêneros e temas. São contos escritos esporadicamente desde 2015, uma bela quantidade.

8) De Higgs: Como interagem a fé e a arte no nosso tempo?

Sammis Reachers: Por muito tempo o Protestantismo cometeu o erro, bem-intencionado, da iconoclastia, da repulsa por imagens, logo, pelas obras de artes plásticas. Isso respingou na apreciação das demais artes. Até hoje o teatro não é proscrito em algumas igrejas? Mas atualmente boa parte das igrejas tem tomado consciência que a arte é uma manifestação da graça e dons de Deus, e uma maneira esplêndida de glorificá-lo.

Drops:

Um livro da Bíblia: Se fosse um capítulo, seria o 13 de 1 Coríntios; mas um livro é *Eclesiastes*, pelo impacto existencialista que teve sobre minha vida.

Um livro de literatura secular importante: *Ficções*, de Jorge Luís Borges.

Um filme: *Matrix*.

Um hobby: Fazer mudas de plantas frutíferas, jogar games antigos.

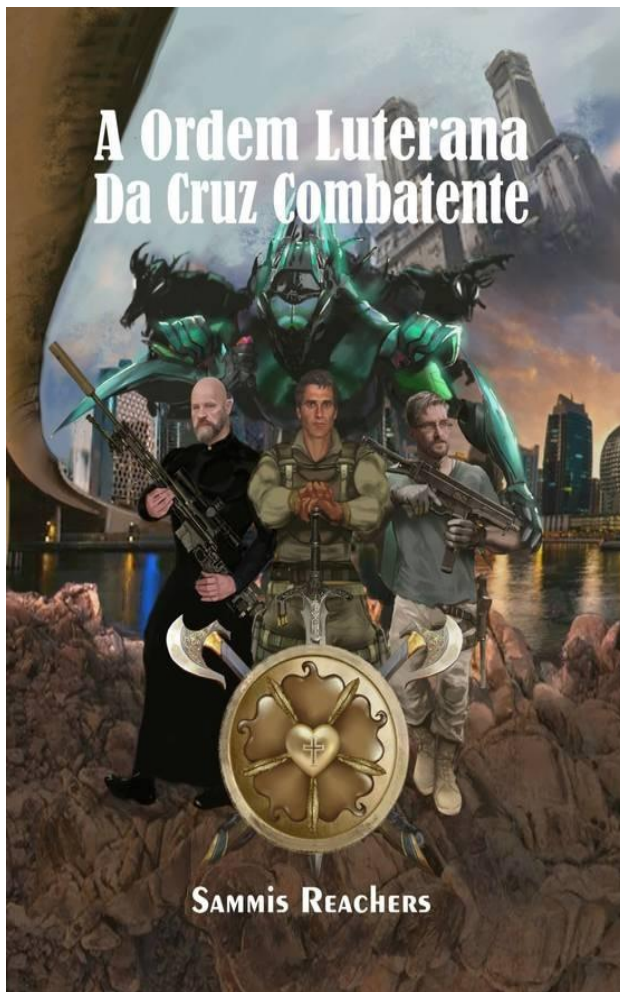


Os lírios de Kierkegaard

Sammis Reachers

*Tu, ex-refém da urgência competitiva
cujas células agora se esparramam sem controle
deserda os leitos e jardins cuidados e restritos
vai às flores do campo,
abandonadas na rusticidade,
virgens de mãos de jardineiro
Funda teu acampamento e observa-as,
a sol e chuva, a suportarem o tempo em cumplicidade
vá, cidadão, até que a luz
tenha parto e teus olhos tenham cura,
e possas entender – a tempo, isso
que a todo tempo finda –
que elas têm um Jardineiro
feito de sempre e de serenidades
Entrega, enfim, teus dias em Suas mãos,
e furta irmandade às flores
e à eternidade*

SAMMIS REACHERS. Poeta, escritor, antologista e editor, autor de dez livros de poesia e três de contos/crônicas, e organizador de mais de cinquenta antologias.



Trecho de A Ordem Luterana da Cruz Combatente

Sammis Reachers

[...] Os agentes da Ordem da Cruz entreolharam-se, e Mathias seguiu, sozinho, o mordomo que adentrou pelo corredor central.

Após avançarem pelo longo corredor, que por sua vez dava acesso a diversas portas –talvez quartos –,

ambos cruzaram o imenso salão central da mansão, e ao fim do mesmo adentraram a uma pequena, mas aconchegante sala de chá.

– Senhor Otto, filho de Wulhan Reimer, neto de Arthur Reimer! Me perdoe por não o saudar no meu bilhete, pois não sabia qual ou quais dos seus capitães a Ordem iria me enviar.

– Senhora von Trapp, presumo. Vejo que a senhora é bastante bem informada.

– Oh, sente-se, querido. Quanto a isso, uma velha milionária, solitária e sem filhos, precisa resguardar-se de um mundo mau, concorda? Procuro me manter atualizada. E presumo que informação seja o motivo de sua visita. Bem, espero que não tenha vindo até aqui para tirar o resto de vida a uma decrépita anciã...

– De maneira alguma, senhora – disse Mathias, sentando-se. – Eu e meus associados acreditamos que a senhora possa estar algo insatisfeita com o tratamento que tem recebido do pai dos traidores, o velho Rémy.

– Oh, as notícias correm, não é mesmo? Pois sei que o tempo de vocês é curto. Você sabia que o velho Rémy possui uma quinta pedra?

– ... Até onde sei, ele estava em vias de consegui-la... Conte-me mais.

– Conte-me você, meu compatriota: O que vocês têm a me oferecer por esse

denso tesouro etéreo, a informação?

– Esperava que a senhora mesma pudesse nos iluminar neste sentido.

– Iluminar... Ah, padre, se você soubesse de meus pecados, não usaria a palavra iluminar e meu nome numa mesma frase...

– Do que todos precisamos, Cristo é um bom fornecedor; para os de pouca sede, ele oferta uma xícara como esta de perdão; para outros um tonel; para alguns, como a senhora, há sempre um oceano de perdão, à espreita, à espera de um sinal.



A Esperança

Rafael Máximo

Nos tempos sombrios de aflição
Quando a dor parece não ter fim
Um raio de luz traz consolação
É a esperança que nasce em mim

Ele, a essência do amor divino
Caminha ao nosso lado a cada passo
Seu olhar sereno e seu sorriso benigno
Enchem os corações de amor e abraço

Na escuridão da noite mais profunda
É a estrela guia, brilhante e eterna
Seu amor nos envolve e nos sussurra
Promessas de paz, alegria e luz interna

Ensina a perdoar e a compreender
A estender a mão a quem precisa
A amar sem cessar, sem esmorecer
Pois em seu amor, toda dor se alivia

Ele traz a esperança, a certeza
De um futuro melhor e mais brilhante
Por seu sacrifício e sua grandeza
Ele nos resgata e nos torna triunfantes

Então, erga seu olhar para os céus
Permita que a esperança em seu coração floresça
Pois Emanuel, o Salvador, está entre nós
E sua mensagem de amor nunca pereça

A esperança que o Leão de Judá traz consigo
Seja a luz que ilumina seu caminho,
E que em cada coração, como abrigo
Haja amor, compaixão e carinho

Assim, com a esperança que nunca se finda,
Sigamos firmes, lado a lado com Miguel
Em cada passo, em cada linda melodia
Encontraremos força e paz nos embate da vida

Ele virá para pôr fim à maldade que aflige a humanidade

Enquanto isso busquemos o auxílio por Ele prometido

Que a esperança que traz à humanidade

Seja a chama que nos motive a cada amanhecer

Rafael Máximo. Nasceu em 1967, na cidade de Itororó, BA. Graduiu-se em Letras pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). Atualmente, faz parte do quadro de professores efetivos do município de Ji-Paraná – RO. É autor da coletânea de poemas: *Os Acúleos do Caminho* e do romance *Carina: Amor ou Paixão*.

Devocional
SENHOR, EU QUERO VER!
Eduardo Y. Nishitani

“E Eliseu orou: ‘Senhor, abre os olhos dele para que veja’. Então o Senhor abriu os olhos do rapaz, que olhou e viu as colinas cheias de cavalos e carros de fogo ao redor de Eliseu.” (2 Reis 6.17)

Empolguei-me assistindo a quadrilogia de Matrix. Tanto que li sobre as várias referências filosóficas entretecidas nas cenas e diálogos, especialmente sobre a Alegoria da Caverna, do filósofo da Antiga Grécia, Platão: O que é real?

A partir de pesquisas, cheguei à conclusão de que todos estão vivenciando, de uma forma ou outra, uma “Matrix particular”. Nosso senso do que é realidade está moldado pela nossa genética, criação, meio em que vivemos e nossa estrutura físico-química cerebral. Sentimos as coisas pela interpretação que o cérebro faz. Animais, por terem cérebro diferente do nosso, veem o mundo de forma distinta. É, por vezes, impossível afirmar se o que vivenciamos é ilusão ou se de fato existe; nossa mente pode ser facilmente ludibriada por hipnose, mensagens subliminares, psicotrópicos, estado emocional, ilusão de óptica etc.

Contudo, pela Bíblia, cremos que há uma realidade que transcende este plano existencial do espaço-tempo-energia a que estamos imersos, a qual o discípulo de Eliseu vislumbrou com assombro. Pela fé ousemos clamar, como o cego que estava enxergando com olhos espirituais, portanto ironicamente mais do que muitos daquela multidão, a quem pode dar-nos vista para além desta efêmera realidade: ao filho de Davi, aquele que afirmou: “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue, nunca andarás em trevas, mas terá a luz da vida.” (João 8.12).

A neuroteologia comprova que quando meditamos na Palavra e conversamos com Deus, podemos transformar nosso cérebro. Assim teremos a mente de Cristo (vide 1 Coríntios 2.16) e viveremos no nível sobrenatural.

Texto para leitura: Efésios 5: 3 a 14.

EDUARDO Y. NISHITANI. Nasceu em 1968 em São Paulo-SP. Licenciado em Física pela USP em 1996, Mestre em Educação pela Universidade Presbiteriana Mackenzie em 2007. Reside em Suzano-SP e congrega na Igreja Evangélica Holiness. Escreveu: *Evolução elétrica* (Antologia Teslapunk da editora Madrepérola) 2019; *Metanoia cibernética* (Antologia Consciências sintéticas da editora Cyberus em 2023).



O sonho de Raquel

Carmina Nogueira

Raquel, ao saber de mais uma gravidez de Lia, sua irmã, a outra esposa de seu marido, correu para o campo, chorando muito, pois não conseguia fecundidade. Sentindo-se humilhada por ser estéril e com muita inveja de sua irmã, Raquel deita-se na relva, aos prantos.

Jacó havia sido enganado pelo pai de Raquel, Labão, que concordara em dá-la como esposa. Mas na noite de núpcias enviou Lia — que tinha os olhos remelados e sem nenhuma beleza física —, sua filha mais velha, para dormir com ele, o qual só percebeu a troca na manhã seguinte.

Ao cobrar explicação do sogro, Labão respondeu a Jacó que era costume naquele lugar que a filha mais velha case primeiro, mas que logo lhe daria Raquel como sua segunda esposa. Assim Raquel teve que esperar mais sete anos para poder casar-se com seu amado primo.

Infeliz e muito triste vivia Raquel, vendo sua irmã dando filhos ao seu também marido, enquanto ela era castigada com o ventre seco. Raquel, envolvida no seu pensamento de tristeza profunda, adormece sobre a relva do campo. Um clarão invade todo aquele lugar e uma enorme nuvem dourada cobre todo o céu azul. Lia desce da nuvem por uma escada brilhante, carregando em seus braços um lindo bebê, e outra criança pequenina lhe segurava uma das mãos, além de mais quatro crianças maiores que lhe seguem. Lia desce sorrindo e aquele sorriso invade o coração amargurado de sua irmã. Toda beleza de Raquel desaparece, dando lugar a uma moça feia e sem luz, enquanto os olhos remelados de Lia brilham como se fossem as mais belas estrelas. Raquel tem certeza de que era ela quem Jacó amava. “Por que não podia dar filhos ao seu amado, assim como sua irmã? Deus lhe castigara? Que mal fizera a Deus?” Questionamentos melancólicos inundam a mente de Raquel.

De repente Lia escorrega da escada e, juntamente com todas as crianças, caem em direção à relva. Raquel estava enfurecida. mas por um

momento ela fica contente, vendo que em breve a intrusa de sua vida e seus filhos morreriam na queda, mas rapidamente seu coração torna-se manso. Pensa no seu esposo Jacó... como sofreria! Pensa em seu pai Labão... talvez não aguentaria. Subitamente ora aos céus, pedindo socorro para sua irmã e sobrinhos. Quando fecha os olhos em oração e os abre, vê vários anjos indo em direção à Lia e seus filhos. Percebe que apenas um dos anjos quer ajudar sua irmã, enquanto os outros seguram apenas as crianças maiores. As crianças que estavam mais próximas da sua irmã desaparecem. Lia estava cada vez mais perto do chão, segurada pelas mãos do anjo, porém, não via mais nenhum dos seus filhos. Chorava desesperadamente, perguntando onde estão eles. Sem resposta alguma, aquele anjo desaparece, deixando Lia de pé, no campo, com as mãos postas para o céu, implorando poder encontrar seus filhos. Raquel corre para junto de sua irmã com intuito de ajudá-la a entender o que havia acontecido com as crianças, mas ao se aproximar de sua irmã, Lia também desaparece.

Atordoada, sem saber o que fazer, Raquel caminha cabisbaixa pelo campo. Já estava escurecendo quando avista um labirinto enorme ao seu lado e de lá escuta gritos aflitos de crianças. Sem pensar em nada, corre para dentro do labirinto e vê em cada canto seus sobrinhos amarrados com fios dourados. Sem entender o que está acontecendo, ela adentra naquele monumento estranho. Quanto mais ela corre na direção dos gritos, esses ficam mais distantes. Raquel para quando um anjo aparece e fala para encontrar o fio dourado da liberdade. Sem entender, respira forte e caminha. Observa uma seta indicando o lado direito para seguir. Ao virar no sentido indicado, avista a ponta do fio dourado no chão. Calmamente segura a linha dourada entre seus dedos e, de forma mágica, Raquel é direcionada para as curvas do labirinto, em direção aos gritos, que agora parecem mais próximos. Avista o bebê de sua irmã e carregou-o imediatamente em seu colo. Continua em direção aos outros gritos, sempre direcionada pelo fio dourado. Logo à sua frente encontra as outras crianças, amarradas pelos pés. Raquel toca em seus sobrinhos e eles ficam soltos na mesma hora. Rapidamente as crianças correm para junto da tia. Não entendendo nada, Raquel segue em frente, desta vez

com todos os seus sobrinhos. Cansada, ela consegue sair do labirinto com as crianças e o fio dourado desaparece.

Ao seu lado, na relva, Jacó surge. Ela corre e o abraça em prantos. Logo avista Lia se aproximando e as crianças correm em direção a ela. Raquel, com o bebê ainda no seu colo, segura uma das mãos do seu marido e, juntos, correm em direção à Lia e às crianças, que já estão abraçadas com sua mãe. De repente estavam todos abraçados, sorrindo e agradecendo a Deus por tudo. Mas logo Lia segura seu bebê no colo, junta as outras crianças e todos olharam para Raquel e Jacó, afastando-se estranhamente, como se nada tivesse acontecido. Lia e seus filhos saem, caminhando de mãos dadas, em um silêncio aflitivo e, aos poucos, desaparecem diante de seus olhos. Ao seu lado encontra-se apenas Jacó, seu marido, com um lindo sorriso no rosto.

Raquel acorda assustada. Estava em sua tenda, ao lado do seu esposo, que dorme serenamente.

Nesta noite Deus concedeu a Raquel a fecundidade. José foi concebido.

Referências: Gn.29:18; Gn.30:1, 22.



O Museu das Revelações: “Manual Técnico de Curadoria”

Celso Lima

PRÓLOGO

A "Sagrada Ilha" amanheceu com um lindo dia ensolarado naquele domingo... como sempre. Às sete da manhã, na estação, alguns dos visitantes avistaram a fumegante locomotiva, cruzando as montanhas em direção à cidade litorânea. A locomotiva iria levá-los ao "Museu das Revelações", um lugar de muitas portas, cada uma com uma palavra misteriosa. Ao cruzá-la, o visitante iria ter uma experiência de epifania, que mudaria sua vida para sempre.

* * *

O curador do “Museu das Revelações” levantou-se do chão. Ajoelhado, acabara de praticar sua oração matinal, em particular, no topo da torre mais alta do museu. Fazia assim sempre aos domingos, quando estava programado a chegada de centenas de visitantes. Foi até a janela e avistou a locomotiva chegando na estação de trem, junto da praia. Eram 07h05. Precisão perfeita. Viu até o relógio de bolso do bilheteiro. Desceu feliz as escadas, passando pelos corredores. Orientou os assistentes que abriam as janelas dos corredores. Foi tocado por um sentimento de busca: "alerta", era a palavra que começou a buscar entre as portas do museu; e logo achou. Abriu e observou uma sala de escritório num centésimo andar. As janelas dos fundos mostravam o enevoadado edifício Empire State Building dos anos 50. Ao redor de uma comprida mesa, vários anjos vestidos como homens de negócio se levantaram.

— Curador, ele vai tentar de novo — disse o mais alto dos anjos.

— Estou fortalecido em oração. Obrigado pelo aviso. — Acenou o curador com a mão no boné e fechou a porta.

* * *

Exatamente às 8 horas a fumegante locomotiva chegou na estação de trem do museu. Trouxeram visitantes selecionados de diversas partes do mundo. Primeiro, a prometida experiência matinal, no “Museu das Revelações”, e de tarde, uma visita à Sagrada Ilha, com todas as despesas pagas. A fundação do museu era bem generosa.

Todos os visitantes procuravam um nome que lhes chamasse a atenção em uma das portas. Um entre eles se destacava pela agilidade. Seu nome era Salazar Wood Dhroog. Era idoso, de pele escura, nariz adunco, calvo, bem inteligente e ambicioso. Adquirira enormes riquezas ao longo da vida, submetendo-se em grandes sacrifícios sem precisar de ninguém, o que lhe enchia de muito orgulho.

Apesar de ter setenta e três anos, surpreendia as pessoas no corredor do Museu pela sua velocidade de caminhada: fora atleta maratonista no passado e procurava sempre manter-se em forma. Assim como os outros transeuntes, procurava uma porta com uma palavra que lhe significasse algo.

Há alguns segundos, ficara emocionado: vira um pai, de rosto preocupado, encaminhar uma criança de óculos escuros e bengala, por uma das portas do Museu. A criança cega era parecidíssima com seu falecido filho, que morrera com a mãe num acidente de carro, vinte sete anos passados.

— Achei! Esta é a porta — disse Dhrood em voz alta, vendo uma porta branca com uma placa fina retangular de ardósia, na qual ele leu: "CURADORIA".

— Sim, vou encontrar os responsáveis pelo Museu aqui. — Foi abrindo a porta até ver uma caverna calcária na penumbra.

— Mas que diabo é isso? Uma curadoria dos "Flintstones"? — Indignou-se o idoso visitante e foi entrando abruptamente, só percebendo a mudança de seus trajes e pertences já próximo à saída da gruta: seu terno, guarda-chuva, boina e relógio Rolex deram lugar a uma branca toga grosseira de capuz, cajado, sandálias e uma moringa de couro contendo vinho.

Salazar examinou sua roupa e fez uma careta arrogante e enojada, dizendo para o Museu:

— No término desta experiência é bom ter meu Rolex de volta, ou vou denunciá-lo.

Viu a parte interna da porta embutida na parede e saiu andando para a saída mais à frente no teto.

Saiu de um buraco para um ambiente repleto de aglomerado de rochas calcárias, atrás de um pinheiro com relva ressequida, e começou a subir uma colina. Caminhava para o topo, passando a relembrar os fatos dos últimos cinco anos que o propeliu nesta saga: ouvira falar do Museu das Revelações e seus feitos notáveis, no entanto, por mais que pesquisasse, não encontrava nada sobre sua origem, seu curador, arquiteto, funcionamento interno, donos originais, funcionários e principalmente... a fonte do seu poder! Nada!

Contratou detetives para interrogar ex-visitantes do Museu, mas todos se recusaram a contar suas experiências, alegando ser algo muito sagrado e que nenhum dinheiro do mundo pagaria essa “heresia”. Impressionou-se com essa devoção.

Por sorte, alguns ex-visitantes vieram a óbito e possuíam diários. Não foi difícil comprar de seus parentes... por uma soma generosa de dinheiro.

Pesquisou bem e correlacionou características, repetições, funções similares etc. Por isso acreditava que manter em mente um único e ardente pensamento: adquirir todo o conhecimento do Museu das Revelações, era a chave para consegui-lo. Acreditava também que ele não poderia recusar esse desejo.

Salazar ficou boquiaberto ao chegar no topo, reconhecendo onde estava: via na direita uma cidade antiga e na colina, três cruzeiras.

— Reconheço ser a antiga Jerusalém e aqui ser o Gólgota, onde Jesus foi crucificado. O Museu me fez voltar no tempo, mas para que período da história... e por quê? — Observou o sol em quase três horas da tarde, ou seja, a “nona hora”, apesar de estar escurecendo.

Dhroog chegou perto da cruz central e viu numa tabuleta acima, balbuciando enquanto traduzia:

— Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus. Meu Deus..., é “Ele”— comentou baixinho o velho em choque, olhando em lágrimas para o crucificado horrivelmente ferido. Apesar dos vícios morais, era um devoto cristão: um paradoxo.

Jesus, ofegante, olhou para o visitante do Museu, gesticulando com a boca a palavra "sacrifício" e baixou a cabeça. Salazar entendeu e, muito comovido, correu para ele gritando:

— MEU SENHOR! O QUE FIZERAM CONTIGO?

O Filho do homem, levantando a cabeça, olhou para direita, e o velho fez o mesmo, observando que um dos sacerdotes conversava com soldados enquanto apontava para ele.

— Essa não. Cometi um erro. Não só me mostrei como um estrangeiro, mas manifestei uma língua estranha que só surgirá daqui a séculos — concluiu o visitante do futuro, vendo dois soldados gritando em latim, com lanças vindo em sua direção.

Não perdeu tempo. Aproveitou uma multidão que se aproximava e se embrenhou entre eles, começando a descer a colina.

Olhando para trás, viu bem distante os dois soldados furiosos se desvencilhando do povo.

Chegando próximo à entrada da gruta, viu apavorado os dois romanos com suas lanças, correndo e gritando em sua direção. Quando o velho chegou no buraco, uma adaga lançada por um dos soldados passou raspando, cortando a manga da toga e acertando uma conífera à frente. Quase perdendo os sentidos de tanto cansaço, Salazar se jogou no buraco, caindo com um grito. Engatinhou até a porta e segurou a maçaneta. Levantando-se e olhando para trás, seu sangue gelou: um dos soldados estava descendo pelo buraco enquanto outro começava a erguer sua lança para transpassar-lhe.

Começou um terremoto. O céu escureceu de vez, a caverna calcária balançou e o romano errou a pontaria, acertando o batente da porta.

— A "hora nona"! Jesus morreu! — exclamou Dhroog, passando pela porta e fechando-a rapidamente.

Um baque surdo na porta, uma ponta de lança que a transpassava, e reviravoltas na maçaneta sobressaltou o velho, que agora observava de olhos arregalados a porta sumir lentamente como um fantasma.

Passado o susto, viu-se em suas vestes originais e virou-se. Salazar observou uma galeria que se estendia da esquerda para direita,

com um teto curvo, onde corria uma faixa de claraboias intercaladas, derramando a luz da manhã. O ambiente era tão alto e largo como uma estação de metrô.

Havia um labirinto de prateleiras baixas contendo centenas de cálices de vidros. Começou a caminhar para frente, onde identificou uma mesa no lado oposto de um pátio.

— Os murmúrios... são vozes... vem dos cálices! — Cada um tinha, na superfície do vidro, um símbolo esculpido. Cada cálice tinha um líquido fosforescente e mostrava em sua superfície uma ocorrência ligada ao autor da voz:

— Eu venci minha gagueira, não tenho mais medo de palco — disse um indivíduo do cálice com símbolo de microfone.

Curioso, Salazar viu no líquido luminoso a imagem de um homem sobre um palanque diante de uma multidão que o aplaudia. Conjecturou:

— Cada cálice mostra a experiência de um visitante. É como uma central de monitoramento.

Passando pelo labirinto, chegou num átrio delineado por um círculo vermelho. No centro, um altar contendo um cálice maior com um livro em cima e uma grande vela acesa com um trono ao seu lado. Uma coroa de ouro flutuava sobre o assento.

Ao ultrapassar o círculo, as luzes dos cálices mais distantes começaram a se apagar. Retornou o pé rápido... e os cálices apagados reacenderam.

— Estudei você, meu velho! Isso é um sinal de alerta, mas nada me fará desistir de ter o seu segredo... ele vai ser meu! — Num passo convicto, ultrapassou o limite vermelho em direção ao livro.

O efeito retornou, “desfluorescendo” o líquido dos cálices distantes, vindo o apagar, em sua direção. Chegou no altar, após subir dois degraus, e viu o livro: era de couro velho, borda dourada e intitulado “Manual Técnico de Curadoria”. Possuía dois autores: Mistério e Segredo.

— Pensei que encontraria os senhores da curadoria do Museu, mas um livro deve ser suficiente, desde que eu tenha todas as informações para fazer meu próprio Museu das Revelações e... HÃ? —

Levantando o livro, viu imagens no líquido: era a frente do Museu e, à distância, o trem, que gradualmente envelheciam e ficavam em ruínas.

Um mendigo maltrapilho, outrora o próprio maquinista do trem, passava em frente da construção, agora com teto caído, coberta de relvas e trepadeiras, dizendo enquanto catava lixo no meio de uma chuva fina:

— Que pena que roubaram sua glória, amigo. Não existem mais epifanias maravilhosas. Ninguém pode beber mais das suas águas da vida. O "Museu das Revelações" está inerte e a "Sagrada Ilha" virou um covil de salteadores e indigentes... ó Deus, que fim triste.

— Droga, um dilema! — lamenta Salazar.

Afastando-se do grande cálice com o livro, pensou:

— O Museu cumpre o que eu desejo, apresentando esse livro que contém todos seus mistérios e segredos, bastando sentar-me no trono, à luz da vela, e tudo ler. Mas isso tem um preço. Os autores do Manual Técnico de Curadoria deixariam de ser secretos... talvez essa seja a grande fonte do seu poder. Por isso as luzes dos cálices começaram a se apagar quando me aproximei do livro. Por isso a visão da ruína do Museu quando me apossei do livro.

Salazar assume uma postura meditativa e continua a falar baixinho de si para si:

— Não posso desistir agora. Esperei por esse momento vinte anos. Isso parece uma chantagem emocional! Não me importo se você termine! Com esse poder construirei meu próprio Museu das Revelações.
— Girava em torno de si enquanto levantava o livro e olhava para o alto.

— Sim, faça isso. Destrua esse Museu e construa o seu à sua imagem e semelhança — disse uma voz idêntica a sua, tão abruptamente que o guarda-chuva do velho caiu de sua mão.

Refeito do susto, Dhroog observou que a voz partira de um dos cálices próximos do altar que ainda não havia se apagado: era negro talhado em obsidiana. No líquido, viu a si mesmo, ou melhor, sua boca. Intrigado, questionou:

— Você é um visitante que consegue conversar pelo cálice?

— Que pergunta tola — respondeu a boca e continuou: — Olhe em volta, homem! Se todo visitante do Museu tem seu equivalente em um

cálice neste cômodo, por que você não teria o seu? Eu sou você, ou melhor, sua ambição, sua sede de conhecimento e poder. Sente-se no trono, abra o manual, e leia tudo. Beba todo conhecimento desde o início da existência. Seja o portador e o controlador do poder do Museu. Com certeza, a coroa descerá sobre sua cabeça ao se tornar o curador.

— Deve ser eu mesmo — pensou Salazar irritado, reconhecendo sua própria arrogância enquanto observava o símbolo como um "S" na forma de uma serpente no cálice escuro. Olhando ao redor com os olhos semicerrados protestou em alta voz: — A letra "S" de Salazar eu entendo, mas como uma cobra? É assim que me vê? Eu não sei se fico lisonjeado ou decepcionado com você, ó Museu.

— Ele é honrado em cumprir o propósito de atendê-lo. Mesmo assim teme você, pois não quer lhe entregar a coroa. Por isso lhe vê como um réptil. Vença-o. Leia o livro! — Insistiu seu "eu" no cálice de obsidiana.

O velho tenta abrir o livro sem sucesso. Chegou à conclusão de que este só abriria quando se sentasse no trono.

— Seria uma perda lastimável para o mundo se eu aprendesse todo o poder do livro e não conseguisse recriar outro Museu das Revelações. Devo arriscar? — meditava Salazar audivelmente.

— O Museu mente! Finge destruição! Leia o livro! — gritou a boca no cálice, ao perceber que este começara a apagar-se.

Voltando-se lentamente, Dhroog chegou bem perto do seu "eu-boca" e retrucou:

— O Museu nunca mente. Se você fosse eu de verdade, saberia disso. Eu sou Salazar Wood Dhroog e nunca precisei de conselhos de estranhos e, portanto, não preciso dos seus!

Com um tapa, o cálice do estranho visitante espatifou-se no chão. Mas por um segundo antes, havia no líquido a imagem de um sorriso sinistro.

O surto de arrogância sepultara de vez a consciência de Salazar. Este mirou o trono e sorriu para a coroa flutuante, enquanto começava a caminhar na sua direção.

Bem próximo do altar, observou o último cálice ainda ativo, que tinha como símbolo uma bengala com óculos escuros. Ouviu uma voz, enquanto olhava para a imagem no líquido, vendo uma criança retornando de uma porta... era a criança cega parecida com seu falecido filho:

— Papai, foi incrível! Fui levado para a aldeia subterrânea dos "homens-toupeira" e passei a manhã brincando com os filhos deles. Você sabia que todos eles também não enxergam? Eles me disseram que não devo viver infeliz, pois estou cercado de amor, e o amor não é para ser visto, mas para ser sentido — comentava ofegantemente o menino ao apontar para a porta onde estava a palavra em letras garrafais: "AMADO".

Após uma pausa o cálice continua exibindo:

— Me perdoe, papai. Desde o acidente de carro, quando fiquei cego, fiquei triste e repetindo a todos que jamais seria feliz se não voltasse a enxergar. O Museu me mostrou a verdade. Me perdoe papai, por ter feito vocês tristes.

— Meu filho, eu... — O pai o abraçou em lágrimas, visivelmente impressionado com a sabedoria do garoto.

A voz e a imagem desapareceram quando o último cálice interrompeu sua atividade.

Havia um silêncio sepulcral no salão iluminado apenas pelas claraboias e a grande vela.

Um homem de joelhos abraçava um livro enquanto chorava profundamente comovido e soluçava baixinho:

— Há vinte e sete anos atrás poderia ter sido meu filho, sobrevivido ao acidente e ficado cego. E agora seria eu o pai, vendo como o Museu das Revelações ajudou essa criança. — Levantou-se e caminhou até estar em frente ao trono. — Desejo sentar-me, abrir esse livro e assimilar todos os seus segredos e mistérios. Quero dizer sim para isso, mas infelizmente tem que ser não! O risco de nunca mais existir outro Museu é alto demais e o mundo ficaria muito infeliz — declarou, resolutamente, um homem que pela primeira vez fazia algo notavelmente altruísta e nem percebeu.

Posicionando o livro sobre o grande cálice, a imagem decrépita do Museu retrocedeu à sua gloriosa visão atual.

Observou Dhroog que a porta branca de entrada estava agora na parede dos fundos, logo atrás do altar. A decisão estava consumada, por isso caminhou até ela, abriu e começou a sair, dando uma última olhada para trás: todos os cálices brilhavam. O Museu das Revelações estava salvo.

Logo após bater à porta, Salazar sobressaltou-se com a placa de ardósia na qual leu: "CURADORIA", que se soltava e espatifava ruidosamente no chão. Os fragmentos ficaram tão granulados que logo a brisa do corredor do Museu começou a levar o pó.

Arregalou os olhos ao ver outra placa por trás da placa caída. Estava escrito "SACRIFÍCIO". Imediatamente entendeu tudo: o Museu queria que ele se espelhasse em Jesus. A palavra dita era para ele! Aprendera o valor desse sentimento dormente em sua alma ao qual acabara por manifestar. O menino que recuperou a alegria de viver foi o toque final.

— SIM, É VERDADE! EU FIZ UM SACRIFÍCIO! Ah! Ah! Ah! Um enorme ato de sacrifício, negando algo inacreditavelmente inestimável em prol de todos! — gritou o velho, eufórico, enquanto pegava nas mãos uma outra transeunte idosa, começando a dançar valsa com ela.

— O vovô está louco mamãe? — perguntou uma garotinha à sua mãe, vendo a estranha cena.

— Não querida, só está manifestando a alegria que todos nós, visitantes, sentimos agora de outra forma. É a sensação de plenitude dada pelo Museu das Revelações — respondeu a mãe carinhosamente.

Salazar recompôs-se e, com um gesto galante, pediu desculpas à sua parceira de dança, que sorriu e continuou indo com os outros visitantes para a saída do Museu.

Como que acariciando um gatinho, o homem mudado passou a mão pela placa "SACRIFÍCIO", sussurrando:

— Seu brincalhão capcioso! Desde o princípio em que abri a porta você sabia o valor que eu realmente precisava aprender, mas, na minha arrogância, tinha primeiro que passar por toda experiência que mudaria

para sempre minha vida. Por isso ocultou a verdadeira palavra até eu ter feito a escolha certa. Acredito que você se predispôs em sacrifício por mim, se arriscando em possível real destruição. Obrigado... meu amigo.

Com esfuziante alegria, olhando para o piso enquanto caminhava para a saída, Dhroog meditava sobre todas as mudanças e consertos que reformularia imediatamente em sua vida, mas se lembrou do estranho cálice falante do salão e confabulou consigo:

— Peguei aquele visitante pela mentira e reconheço que sua intenção era me usar para destruir o Museu. Ele não estava cego pela ambição como eu, pois não teria acesso ao poder. Por qual motivo então alguém iria querer destruir o Museu das Revelações e prejudicar a humanidade...

Como que atingido por um raio, imobilizou-se segurando firmemente o guarda-chuva a ponto de sua mão doer.

Lentamente levantou a cabeça, pálido, com olhos arregalados enquanto murmurava:

— Cálice negro, letra "S"... Serpente... o pai da mentira, inimigo do homem desde o Éden! — Após retomar o fôlego, concluiu: — Meu Deus! Era "ele"!

CELSO LIMA MOREIRA. Nasceu em 1966. Técnico em Química. É um apaixonado por histórias fantásticas. Tem publicado três contos na antologia "Museu das Ilusões": *Um Saci na Cidade*, 2024; *O Estranho Prosseguir de Prestow Willians*, 2023; *Quando Os Oníricos Colidem*, 2023. Reside no Rio de Janeiro com amigos, família e seu gato "Slade".



A última noite de Puritan

A. A. Crittelli

Nobreza e bravura não mais se faziam presentes naquele olhar. Olhar este que, horas antes, ostentava com proeminência tais qualidades, bem como inúmeras outras. Um olhar capaz de acolher, tranquilizar e apascentar. Um olhar capaz de intimidar e atemorizar, diante do qual grandes guerreiros do passado haviam se ajoelhado, prostrados, tendo sido derrotados em inúteis batalhas sem ao menos terem conseguido sacar suas espadas. Um olhar capaz de inspirar e transformar, imbuindo homens e mulheres perdidos com um senso de propósito que os faria caminhar milhas e milhas pelo deserto de BarMid ou pelas planícies de LatShephe apenas ao som de uma ordem daquele homem.

O mesmo homem que, neste momento assentado em seu trono, se tivesse seu semblante contemplado por um indivíduo estranho que acabasse de o conhecer, jamais seria percebido como alguém dotado de tais características.

O olhar caloroso de outrora, acentuado pelo reflexo das luzes trêmulas da cidade – sempre que acesas em virtude do ocaso – nos belos olhos azuis do rei, deu lugar a poços profundos em que até mesmo a mais cintilante estrela do oriente perderia todo o seu brilho se por eles fosse vista. Orbes negras e vazias pelas quais a vida abundante do monarca aos poucos se esvaía.

Seu grave semblante, entrevisto de maneira intermitente por entre as acinzentadas lufadas de partículas flutuantes dos escombros da sala do trono, não era mais capaz de instigar algo bom, mas apenas pensamentos de terror e medo diante do pálido ser agourento que fitava o nada absoluto.

Ainda que pudesse fixar sua visão nas ruínas à frente, nas profundas crateras que surgiram no lugar do piso de mármore esmeraldino do amplo salão ou ainda nos fragmentos de pedra restantes na base da já não mais existente parede que separava o recinto real da antessala do trono (quarto de guerra em que eram planejadas as mais estratégicas campanhas de avanço que o reino jamais voltaria a ver), o rei

não tinha forças – físicas ou de vontade – para levantar seus olhos e encarar a lúgubre situação em que se encontrava. Quase destruído pelo terrível ataque da noite anterior estava seu palácio e, em estado ainda pior, o resto da vasta cidade de Puritan, a joia do reino, a pulsante capital de ot-Tahor.

Embora assentado, imóvel, em seu domínio, os pensamentos do homem vagavam entre lembranças difusas dos improváveis acontecimentos recentes e possíveis cenários futuros, buscando naqueles algum fragmento de informação útil para a compreensão do que havia ocorrido e, nestes, uma fagulha de esperança a ser usada como combustível para sua alma.

Revisitou em sua mente a tarde anterior e pôde relembrar-se vislumbrando os belos distritos de Puritan do topo do terraço real. Era uma vista deslumbrante aquela paisagem em que, de maneira harmoniosa, se fundiam os sons e os contornos dos doze distritos da cidade real, todos em plena atividade, com seus satisfeitos moradores exercendo de maneira dedicada suas funções e missões pelo reino, enquanto aguardavam o sol se pôr, indicando então o término da labuta diária e dando início a uma torrente de pessoas alegres andando e conversando entre si, numa sinfonia de vozes compartilhando sonhos e desejos a caminho de seus lares.

O rei baixou os olhos para os andares inferiores, equilibrando-se no parapeito do terraço para retribuir os acenos dos seus servos que, sorridentes, movimentavam seus braços do térreo para saudar ao seu senhor. Eles o olhavam de maneira respeitosa, admirando o amado líder daquela nação em seu momento diário de contemplação da cidade no ponto mais elevado do palácio de Virtus, ainda mais alto que os próprios jardins suspensos que rodeavam a torre norte.

A vista do rei se deteve por alguns instantes em suas últimas aquisições, cinco dúzias de orquídeas aéreas das paragens de shi-Monet trazidas por sua mulher, flores gigantes multicoloridas que estavam sendo aclimatadas à temperatura local na estufa particular da Rainha, seu novo lar temporário até que por ela fossem implantadas nas árvores milenares plantadas pelo Criador no centro do Jardim Real, o mais amado complexo

de reuniões da cidade (utilizado pelos líderes do povo nos conselhos mensais). Atraído pelo perfume ímpar dessas obras de arte e sabendo que sua amada estaria naquele recinto, ao abrir a porta da estufa para observá-las, algo parecia diferente.

O ritmo em que o sol de punha acelerou repentinamente, o que pôde ser percebido, ainda que estando o homem de costas para o astro, pelo esmaecimento repentino da luminosidade. De forma ainda mais intensa, a temperatura pareceu decair inúmeros graus de uma só vez, sendo que a própria respiração se tornou visível a ele enquanto se virava para olhar em direção ao céu. O que ele viu não poderia ser mais temível ou inesperado.

Não se via mais sol algum, ainda que a lógica presumisse que certamente ele ainda existia. O céu estava sendo tomado por um azul escuro que se expandia rapidamente por todo o alcance da visão do rei, tornando-se mais e mais denso, escuro, cinzento. Era como se um veludo negro pairasse por sobre a completude do firmamento, tornando o ar mais gélido e difícil de respirar, substituindo o perfume das orquídeas por um estranho odor acre, irritante, nauseabundo. Ainda se apropriando dessa visão aterradora, o rei adentrou rapidamente a estufa procurando pela rainha: – Issa, onde você está, meu amor? Issa?? ISSA???

Correndo ao encontro do rei, ainda com uma lâmina de poda em suas mãos, Issa responde:

— Estou aqui, Alec, o que houve? Qual é o motivo de tanta pressa, meu amor, já lhe disse que a compota de tâmaras ainda não fic...

— Venha, Issa, corra! — interrompeu o rei, puxando-a bruscamente pelo braço, numa atitude inédita, ainda que casados há mais de uma década e correndo com ela para fora da estufa.

Ao ver o céu, ou percebendo a aparente ausência dele, Issa entendeu imediatamente o motivo da urgência de Alec e ficou congelada por um breve instante. Recuperou seus sentidos, entorpecidos pela aterradora visão, ao perceber um calor em sua mão que destoava do frio que sentia, e ao olhar, percebeu que havia se cortado com a lâmina de poda. A dor aumentou quando, sem perceber, o homem à sua frente apertou suas mãos e disse:

— Meu amor, preste atenção. Não sei ainda o que está acontecendo, mas, certamente, não é nada de bom. Preciso que me ajude. Tenho que chegar até a antessala do trono para convocar nossa guarda e fazer soar os címbalos para alertar as tropas reais. Encontre nosso filho. Ele deve estar no pátio menor, brincando com seus amigos. Leve todos para a casamata inferior. Você me entendeu? Consegue fazer isso?

Ainda atordoada, a rainha repetiu as orientações do seu rei, beijou-o demoradamente e, ao sair, deteve-se ao ouvir sua voz:

— Eu te amo, Issa. Diga ao Lippe que o papai o ama. Não saiam de lá até ouvirem minha voz. Muito em breve eu estarei com vocês. E não tenham medo: O Senhor é conosco!

— Eu te amo, meu amor. Vou cuidar de tudo. Não teremos medo: O Senhor é conosco!

O que veio a seguir foi uma sucessão de acontecimentos muito rápidos. Enquanto a rainha corria para buscar seu filho e as demais crianças, dirigiu-se com elas e com quem mais encontrassem pelo caminho para o abrigo. O rei corria em direção ao parapeito do seu terraço, buscando entender o que estava acontecendo. Do alto da torre, ele pôde ver algo como o céu escuro caindo por sobre as ruas da cidade, do mais distante distrito em direção ao centro, o local do palácio, de forma incompreensivelmente veloz. As trevas pareciam se materializar, deixando de serem difusas e tornando-se corpos etéreos, esfumados, planando por sobre as pessoas, animais, veículos e casas, incidindo sobre tudo e todos, em impactos que resultavam em sombras negras e esvoaçantes, dispersando-se por todos os lados, ao som de gritos e ruídos tenebrosos. Pessoas e animais caíam e não mais se levantavam, ao passo em que ruas, veículos e moradias eram completamente destruídos.

Alec correu com o máximo de sua potência em direção à antessala do trono, local em que, ao lado da mesa de guerra, havia um pedestal com uma cúpula em que Veritas, sua espada favorita para uso em batalhas, descansava. A poderosa arma pertencera a seu pai, e ao pai de seu pai e, antes disso, ao seu bisavô, que de acordo com as tradições e

histórias ancestrais, fora presenteada por um querubim, cujo nome não revelou, com uma mensagem do próprio Pai das Luzes. A mensagem nunca fora revelada ou transcrita — pelo menos até onde se sabia — mas o anjo fora claro ao orientar que aquela arma deveria ser usada apenas em tempos de guerras reais, necessárias, contra o Mal, e jamais em guerras iníquas, daquelas criadas apenas para satisfazer desejos de homens ou ambições dos poderosos.

O rei alcançou a cúpula e a abriu, inserindo a mão em um dispositivo no pedestal, que validava as impressões digitais do monarca, e conferia a assinatura única de suas artérias radial e ulnar, aferindo seus sinais vitais.

Com a mão direita, empunhou vigorosamente a espada que, ao ser removida de seu suporte, ativou um sistema de segurança responsável por convocar a guarda real ao palácio e fazer soar os címbalos exteriores, alertando as tropas reais espalhadas por todo o território de ot-Tahor e fazendo com que os soldados assumissem seus postos de batalha. O barulho ensurdecedor era quase insuportável, mas o homem permaneceu firme em sua posição.

Tendo cumprido sua missão, o rei Alec, com a indestrutível Veritas em mãos, adentrou a sala do trono para verificar se O Livro estava em segurança. Estava lendo-o, pouco antes de seu ritual diário de oração pelos cidadãos do reino, no terraço superior. Ele pegou O Livro, enorme e pesado, fechando-o e atando-o junto às cintas de transporte e vestindo-o junto ao corpo. Aquele Livro era o maior de todos os tesouros, portanto o rei o defenderia com sua própria vida.

Estando pronto para rumar à casamata inferior, após deixar o Livro com Issa, Lippe e as crianças, seguiu para batalha.

O rei foi novamente surpreendido. Céus e terra começaram a tremer e, com um estrondo ruidoso, as paredes e colunas ruíam rapidamente, revelando através dos buracos que as trevas exteriores adentravam o palácio. Não haveria salvação. A essa altura toda a Puritan estaria dizimada.

Equilibrando-se para não cair e em posição de guarda com a espada reluzente, Alec viu algo como um véu flutuando à sua frente,

pairando e materializando-se num corpo disforme e tornando-se maior e mais denso. O ar ficou rarefeito, difícil de respirar, e o vulto negro, finalmente, tomou uma forma já vista pelo rei em registros artísticos de histórias antigas: um demônio, enorme e forte, surgiu diante dele, exalando um odor putrefato e emitindo um guincho sombrio, uma risada maligna e aterradora. Naquela escuridão em forma de mostro, percebia pontos luminosos de um tom escarlate e de um verde ácido, possivelmente olhos, além de detalhes duma sombria armadura de guerra. O demônio estendeu sua mão e a aproximou do rei, cortando em seu peito uma linha diagonal com uma unha imunda, em que se viam bichos minúsculos andando. A dor aguda foi atenuada por um frio impossível, sobrenatural, como nunca Alec sentira e, antes de desmaiar, o homem entreviu o ser de trevas aproximar a bocarra de uma de suas orelhas e sussurrar, numa língua estranha, algo que não entendeu. E então tudo se fez sombras.

Não seria possível imaginar, pouco antes desses fatídicos acontecimentos, que aquela seria a última noite de Puritan. O terrível final de uma cidade viva, pulsante, cuidada por um rei amoroso, nobre e bravo, cheio de virtudes. O mesmo homem que, neste momento, assentado inerte em seu trono, pergunta com inquietude a si mesmo: “Por qual misterioso propósito a soberana Providência do Grande Eu Sou me deixou sobreviver?”

Baixando a cabeça, em desânimo, percebeu um serviçal à distância, parcialmente soterrado pelas pedras. Observou o que escrevera, com o próprio sangue, antes de morrer: “Meu rei, lembra-te de Jó”.

Referências: Romanos 8.35 e 36; Romanos 8.38 e 39.

ALEXANDRE ARANTES CRITELLI. É servo do Senhor Jesus Cristo, filho amado e abençoado por Deus que a mim confiou Simone como esposa e Filippe como filho. Educador cristão há duas décadas, professor, diretor escolar e mestrando em formação de professores. Leitor apaixonado pela Palavra, livros e quadrinhos, fã de filmes e seriados, criador e contador de histórias dedicadas ao avanço d'O Reino na Terra. Aguardo avidamente o momento de conversar pessoalmente com o meu Salvador, com todos os Heróis da Fé e, “de quebra”, poder sanar muitas dúvidas sobre escrita criativa com Lewis e Tolkien, bem como pegar um autógrafo em alguns pergaminhos com o mestre Paulo.



Farinha de Rosca

Daniel Grisolia

— Vamos lá, Betão! Desta vez você vai gostar muito do que vai ouvir, chapa.

— Acho que você é o único que consegue ficar de porre só com café, mate ou água que conheço. Desde que baniram os ‘gorós’ há cinquenta anos, nunca mais vi ou ouvi de ninguém sem ser tu estes papinhos tirados do sovaco.

— Aconteceu de verdade e eu tenho provas...

— ...que nem tenho curiosidade de ver. Só vou ouvir tua lorota porque não tenho mais ninguém para atender no balcão. É final de expediente, vai ser melhor do que gastar um trocado à toa na loja de mídia para tocar o noticiário no áudio. Hoje é sexta-feira, quero esfriar a cabeça. Más notícias são coisa de segundas, e escuto de graça dos clientes.

— O que aconteceu de verdade é melhor que podcast de fundo de corredor de alojamento ou áudio séries oficiais.

— Tem só meia hora até eu fechar, Ilha. Desembucha.

— Certo, o trabalho de oito dias atrás era para transportar um lote de *auto-ouvriers* de mineração e cultivo, uns autômatos show de novinhos... Se não custassem caro até xingar, eu queria. Partimos de Namibe, atual capital de Nova Luanda, pra ir até Maceió. Quando zarpamos pra singrar o “areião”, e ver a cidade ao longe, nem parece que o lugar estava só o puro suco de escombros e desastre há três blocos de ano atrás. Tipo, será que os caras lembram da guerra civil separatista?

— Eu me preocuparia mais em levar a carga e ir embora, do que com problemas do povo das províncias de Ahfrika. A logística e tecnologia deles é bem rápida para reconstruir e tocar a vida. Mas, sei lá se vai durar uma paz por mais de um ano.

— O capitão falou a mesma coisa pra nós cinco, antes do porto ficar pra trás e fugir dos olhos.

— Cinco? Quem foi o saco de azar que a morte arrancou o tutano e deixou a carcaça pra limpeza aturar?

— Ninguém. Adria quem ficou com a família na cidade dela. Conseguiu as férias laborais de quinze dias. Até o capitão se surpreende. Afinal, vamos lá: a maruja mais antiga da tripulação e a que mais trabalha, ver ela fazendo nada é raro. Alguém acertar na loteria e ganhar sozinho é mais fácil do que Adria no nada.

— Ela te livrou o couro algumas vezes, Ilha. Alegre-se por ela.

— Eu fico feliz, não é inveja. Ela quem me ensinou a lutar nos *destroyds*, contra os *drones* piratas ou as abominações mutantes do “areião” ou do mar. Eu só não engulo a mulher não dar um tempo pra si mesma, uma autoexigência desnecessária. E nem é provar alguma coisa, ou plano de carreira, ela é deste jeito. Parece que nasceu trabalhando. Ela só para pra **ora...**

Betão pigarreia forçadamente.

— ...**de almoço**, ninguém é de ferro. Desculpe te cortar, mas tem pouco tempo até fechar. Adria ensinou muita coisa pra nós, Ilha. Principalmente, te ensinou a não enrolar. Desembucha.

— Certo. Até a ilha Helena, nada de anormal. Passamos em Cat Hill, pro último abastecimento e checagem de equipamentos, instrumentos, maquinário e defesa. E passamos pelo radarzão local pra transferir os dados de monitoria pro nosso calcular uma rota menos porcaria.

— Só serve pra evitar abominações e uma ou outra catástrofe natural. Os piratas sempre melhoram o *stealth* deles.

— Adivinhou.

— Adivinhar? Ilha, já calcei botas como as tuas. Na minha época era menos pior. Não se via *interceptors* ou *drones* dos patifes por mais de um bloco de ano. Hoje, se tiver um dia de trabalho sem ver aquelas ‘fuças sujas’, é mais fantástico do que pôr do sol em Parrachos de Rio do Fogo.

— Se conseguir minhas férias, nadarei naquelas águas seguras do Mar Atlântico com gosto, sorriso no rosto, e diversão ocupando o posto. Aí não penso naqueles não-tripulados do El Machete. Desta vez, ele tirou do sério nós cinco.

— Como assim? Ferveu o sangue até do capitão? Ele não perde calma fácil.

—Veja só: o cara conseguiu não só melhorar o *interceptor* dele, ter *drones kamikaze* do tipo *Karasu*, e três *destroyds* remotamente controlados; o cara trouxe consigo **cinco** moreias-leviatã-das-dunas com mutações diferentes.

— Cinco abominações!? O cara é um dos poucos que age sozinho, e ter tecnologia pra isto é uma coisa, mas... Como ele conseguiu controlar o incontrolável? Todas as rotas do Deserto Atlântico podem se tornar inviáveis. Virou um criminoso classe dez sem nem ter comparsas!

— É. Após Cat Hill, no exato meio do caminho, o radar apitou. Obviamente, tomamos um susto com os cinco bichos — que nunca agem ou vagam em bandos — seguindo junto de um *interceptor*. Claro! Pra quê *stealth* se você arrasta feras gigantes notadas até por quem não tem radar? Soltamos três minibatedores adquiridos recentemente, e enquanto nos dirigíamos aos *destroyds*, recebíamos nas nossas braçadeiras-tablets relatório e imagens. Os bichos tinham um “arpão” fincado na cabeça, pregado no cérebro deles pois era próximo aos cinco olhos, e este “arpão” tinha uma tecnologia nítida de ser uma antena ou outro dispositivo de controle remoto. Pensamos no pior: controle mental total das abominações.

— E não era isto?

— Chego lá. Aos *destroyds*, fomos Osmar, Pudim e eu. Ao controle de não tripulados, Delos. E no comandar do nosso Farinha de Rosca, o capitão seguindo a rota e o controle das armas de defesa. O plano de ação era nós três silenciarmos as abominações, e Delos se encarregava de segurar — ou mesmo deter — o *interceptor* do Machete.

— Vocês enfrentaram primeiro as abominações, ou os *destroyds*, ou ambos?

— Pudim partiu de bombordo contra uma abominação de quatro línguas tentáculos com ferrões na ponta – o bicho mal fechava a bocarra – que tinha como ‘ala’ um *Scarabée EXT-85*, modificado com armas diferentes das originais e mais blindagem de combate sobreposta. O Osmar partiu de estibordo enfrentar duas abominações, mutagenadas à beça. Não daria tempo de eu contar tudo se falasse das baitas mutações dos bichos, a única coisa em comum era o vapor tóxico que bafejavam, e

também acompanhadas por um *Scarabée*, só não reconheci o modelo. Parti da ponta da proa contra as outras duas abominações, uma tinha escamas como agulhas... era uma moreia-ouriço praticamente, a outra tinha uma boca com dentes quase iguais aos de uma barracuda, só que maiores e em maior quantidade; mas, ao contrário dos outros dois, o *destroyd* não era *Scarabée*, e nem mesmo outro modelo conhecido. Machete, ou sei lá quem fez aquilo se não foi ele, construiu um *droid* de combate sem ter como base nenhum modelo de fabricante grande com modificações. Máquina montada do zero com sucata. Um *junk-bot* mesmo, e dos bons. Quase acabou comigo.

— Produto de contrabando, e não foi um qualquer que passou isso pro patife, sem dúvida. Um *junk-bot*, hoje!? Quem acessa os ferros-velhos, ou mesmo os lixões, depois do “tranca tudo federal” e só os autômatos tocar a coisa toda neles? Ninguém.

— Foi uma luta bem difícil, as abominações conseguiam atacar como se tivessem sido treinadas. Cada dupla de abominações era guiada pela IA de um *destroyd*, e a IA obedecia ao Machete. Eu contra-atacava, e o *destroyd* comandava alguma das abominações para ficar na linha de tiro e ser atingida no lugar dele. Percebi, por uns segundos, que as abominações agiam diferente e soltavam urros que não escutamos normalmente.

— Foi enquanto você lutava, descobriu que o controle mental não era total?

— É. Com mais de dois minutos e meio tentando uma abertura, fugindo de rabadas e dentadas, desviando dos cuspes ácidos, destruindo *Karasus* oportunistas e desviando dos disparos do *destroyd*; pude perceber que as abominações agiam conforme o ‘açoite’ que recebiam na cabeça do arpão antena. Atirei no arpão da boca de barracuda, destruindo o receptor.

— E o bicho recuperou a consciência e te atacou logo em seguida, porque foi o último a atacá-lo, certo?

— Errado. Ao destruir o arpão antena, a cabeça do bicho explodiu uns dois segundos depois. Certeza ser sistema de segurança pro caso de

se falhar o controle, a fera morre para evitar problemas ao controlador. E a moreia-ouriço ficou ainda mais voraz quando a parceira caiu.

— Será que era um macho e uma fêmea, ou foi alguma programação *Berserk* transmitida pela antena na cachola para caso uma delas caísse?

— Não me veio essa ideia, pra falar a verdade. Olhando agora, as duas coisas juntas podem até fazer sentido. Já que lutei contra a segunda abominação com mais dificuldade do que com as duas e o *destroyd* juntos. Claro, o *destroyd* quase acabou comigo por duas vezes onde por... menos que um triz escapei. Consegui fazer uma manobra por reflexo onde um *Karasu* ia me atingir por trás, enquanto o *destroyd* à frente ia me golpear com choque eletromagnético. Soltei o turbo todo para cima. A explosão do impacto entre eles foi forte, danificou os pés do meu *destroyd*. Dependi do combustível do propulsor, porque não poderia usar o modo terrestre. Mesmo que gostaria, esquece... a abominação ia me lancar. Esta luta consumiu a cabeça de nós seis.

— Adria não estava ausente?

— Graças a você-sabe-quem-vacilou, a transmissão de informações foi pra todas as braçadeiras-tablets, até pra quem deveria ter sido colocada no sistema do Farinha como *status* férias. Adria e família receberam em primeiríssima mão detalhes e imagens do ocorrido. Restou pra eles ficarem em... (Ilha pigarreou) “**torcida**”. O capitão “**torcia**” por nós e todos “**torcendo**” por si e pelos outros.’

— Graaaaaaande Pudim! Sempre deixando ponta solta no serviço de bordo! A única coisa que ele consegue fazer sem trapalhadas é combate, mesmo. Pudim fez barba, cabelo e bigode do que enfrentou, certo?

— Realmente, o que Pudim tem de desorganizado, tem de combatente. A abominação que ele enfrentou era três vezes maior que as nossas, e foi o primeiro a peitar o Machete enquanto Delos cuidava dos não-tripulados. Tanto que o *destroyd* dele só sofreu um único arranhão. Osmar venceu com dificuldade a luta dele, não se juntou ao Pudim, pois o dele teve 40% da estrutura destruída. O braço esquerdo do meu parou de funcionar depois de um pedaço do crânio da ouriçenta fincar nele ao

explodir a cachola dela. Delos conseguiu uns bons tiros no *interceptor* do Machete enquanto Pudim o descascava. Machete abandonou o combate com uma cápsula de fuga. A Polícia Errante atendeu nosso chamado e chegou a tempo de ver o fujão correndo. Soltaram duas patrulhas atrás da cápsula dele.

— Sempre chegam depois dos patifes descascarem. Mas o Osmar derrubado assim? Caramba...

— O importante é que saímos dessa, e a carga foi entregue como se nada tivesse acontecido. Vamos, te ajudo a baixar a porta.

Os alto-falantes avisam: “Tempestade eletromagnética em dois minutos! Mantenham-se em suas localidades ou procurem abrigo! Repetindo...”

Os dois fecham o bar rapidamente.

— Agora que estamos fechados aqui e a tempestade tapou os ouvidos das escutas: Graças a Deus vocês estão bem, Ilha. A mão do Senhor livrou a todos!

— Com certeza, Betão. Adria e família em oração por nós, somando às nossas, aumentou o clamor. Na vida ou na morte, Jesus está conosco e não há o que temer.

— Deus colocou Adria nos momentos certos em nossas vidas, pra falar dele e nos alcançar também. Só lamento ser tão mais difícil do que antes falar de Jesus aos outros, por causa do Estado ficar na nossa cola.

—Tudo o que podemos fazer é ficar na “torcida”. Deus proverá.

— Chamar a oração de “torcida” foi uma boa sacada.

— Ideia do pai da Adria, não minha. Temos uns minutos antes de voltar a abrir, e minhas férias chegarão daqui a uns dias. Sabe se o Ítalo está na cidade? Vou precisar de uns panfletos já que vou ao Rio do Fogo.

— Evangelizar durante a folga, né? Tenha cuidado!

— Vou ter. Falarei de Jesus igual ao nosso navio-cruzador, depois e entre os momentos de deitar-me na areia como se estivesse empanado com farinha de rosca.

— Já digo onde está Ítalo, vou me servir de mate pra esta conversa. Você quase não tocou no teu. E só vocês mesmos para pôr naquela máquina um nome destes.

— É verdade...

Ambos finalizam a conversa com risos.

DANIEL GRISOLIA. Tem 39 anos, um nerd em meio a quadrinhos, games e jogos, e o mais importante, Jesus Cristo no comando de tudo.



A Igreja do Diabo

Machado de Assis

Capítulo primeiro De uma ideia mirífica

Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a ideia de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivia, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez.

- Vá, pois, uma igreja - concluiu ele -. Escritura contra Escritura, breviário contra breviário. Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico. O meu credo será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja, uma tenda de Abraão. E depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única; não acharei diante de mim nem Maomé, nem Lutero. Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo.

Dizendo isto, o Diabo sacudiu a cabeça e estendeu os braços, com um gesto magnífico e varonil. Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para comunicar-lhe a ideia, e desafiá-lo; levantou os olhos, acesos de ódio, ásperos de vingança, e disse consigo: "Vamos, é tempo." E rápido, batendo as asas, com tal estrondo que abalou todas as províncias do abismo, arrancou da sombra para o infinito azul.

Capítulo II Entre Deus e o Diabo

Deus recolhia um ancião, quando o Diabo chegou ao céu. Os serafins que engrinaldavam o recém-chegado detiveram-se logo, e o Diabo deixou-se estar à entrada com os olhos no Senhor.

- Que me queres tu? - perguntou este.
- Não venho pelo vosso servo Fausto - respondeu o Diabo rindo -, mas por todos os Faustos do século e dos séculos.
- Explica-te.
- Senhor, a explicação é fácil; mas permiti que vos diga: recolhei primeiro esse bom velho; dai-lhe o melhor lugar, mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o recebam com os mais divinos coros...
- Sabes o que ele fez? - perguntou o Senhor, com os olhos cheios de doçura.
- Não, mas provavelmente é dos últimos que virão ter convosco. Não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vazia, por causa do preço, que é alto. Vou edificar uma hospedaria barata; em duas palavras, vou fundar uma igreja. Estou cansado da minha desorganização, do meu reinado casual e adventício. É tempo de obter a vitória final e completa. E então vim dizer-vos isto, com lealdade, para que me não acuseis de dissimulação... Boa ideia, não vos parece?
- Vieste dizê-la, não legitimá-la - advertiu o Senhor.
- Tendes razão - acudiu o Diabo -; mas o amor-próprio gosta de ouvir o aplauso dos mestres. Verdade é que neste caso seria o aplauso de um mestre vencido, e uma tal exigência... Senhor, desço à terra; vou lançar a minha pedra fundamental.
- Vai.
- Quereis que venha anunciar-vos o remate da obra?
- Não é preciso; basta que me digas desde já por que motivo, cansado há tanto da tua desorganização, só agora pensaste em fundar uma igreja?

O Diabo sorriu com certo ar de escárnio e triunfo. Tinha alguma ideia cruel no espírito, algum reparo picante no alforje da memória, qualquer coisa que, nesse breve instante da eternidade, o fazia crer superior ao próprio Deus. Mas recolheu o riso, e disse:

- Só agora concluí uma observação, começada desde alguns séculos, e é que as virtudes, filhas do céu, são em grande número comparáveis a rainhas, cujo manto de veludo rematasse em franjas de algodão. Ora, eu proponho-me a puxá-las por essa franja, e trazê-las todas para a minha igreja; atrás delas virão as de seda pura...

- Velho retórico! - murmurou o Senhor.

- Olhai bem. Muitos corpos que ajoelham aos vossos pés, nos templos do mundo, trazem as anquinhas da sala e da rua, os rostos tingem-se do mesmo pó, os lenços cheiram aos mesmos cheiros, as pupilas centelham de curiosidade e devoção entre o livro santo e o bigode do pecado. Vede o ardor - a indiferença, ao menos - com que esse cavalheiro põe em letras públicas os benefícios que liberalmente espalha, ou sejam roupas ou botas, ou moedas, ou quaisquer dessas matérias necessárias à vida... Mas não quero parecer que me detenho em cousas miúdas; não falo, por exemplo, da placidez com que este juiz de irmandade, nas procissões, carrega piedosamente ao peito o vosso amor e uma comenda... Vou a negócios mais altos...

Nisto os serafins agitaram as asas pesadas de fastio e sono. Miguel e Gabriel fitaram no Senhor um olhar de súplica. Deus interrompeu o Diabo.

- Tu és vulgar, que é o pior que pode acontecer a um espírito da tua espécie - replicou-lhe o Senhor -. Tudo o que dizes ou digas está dito e redito pelos moralistas do mundo. É assunto gasto; e se não tens força, nem originalidade para renovar um assunto gasto, melhor é que te cales e te retires. Olha; todas as minhas legiões mostram no rosto os sinais vivos do tédio que lhes dás. Esse mesmo ancião parece enjoado; e sabes tu o que ele fez?

- Já vos disse que não.

- Depois de uma vida honesta, teve uma morte sublime. Colhido em um naufrágio, ia salvar-se numa tábua; mas viu um casal de noivos, na flor da vida, que se debatiam já com a morte; deu-lhes a tábua de salvação e mergulhou na eternidade. Nenhum público: a água e o céu por cima. Onde achas aí a franja de algodão?

- Senhor, eu sou, como sabeis, o espírito que nega.

- Negas esta morte?

- Nego tudo. A misantropia pode tomar aspecto de caridade; deixar a vida aos outros, para um misantropo, é realmente aborrecê-los...

- Retórico e subtil! - exclamou o Senhor -. Vai, vai, funda a tua igreja; chama todas as virtudes, recolhe todas as franjas, convoca todos os homens... Mas, vai! Vai!

Debalde o Diabo tentou proferir alguma coisa mais. Deus impusera-lhe silêncio; os serafins, a um sinal divino, encheram o céu com as harmonias de seus cânticos. O Diabo sentiu, de repente, que se achava no ar; dobrou as asas, e, como um raio, caiu na terra.

Capítulo III

A boa nova aos homens

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a cogula beneditina, como hábito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do século. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir as histórias que a seu respeito contavam as velhas beatas.

- Sim, sou o Diabo - repetia ele -; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para meu desdouro, fazei dele um troféu e um lábaro, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...

Era assim que falava, a princípio, para excitar o entusiasmo, espertar os indiferentes, congregar, em suma, as multidões ao pé de si. E elas vieram; e logo que vieram, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina era a que podia ser na boca de um espírito de negação. Isso quanto à substância, porque, acerca da forma, era umas vezes subtil, outras, cínica e deslavada.

Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha, uma esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a Ilíada: "Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu"... O mesmo disse da gula, que produziu as melhores páginas de Rabelais, e muitos bons versos do Hissope; virtude tão superior, que ninguém se lembra das batalhas de Luculo, mas das suas ceias; foi a gula que realmente o fez imortal. Mas, ainda pondo de lado essas razões de

ordem literária ou histórica, para só mostrar o valor intrínseco daquela virtude, quem negaria que era muito melhor sentir na boca e no ventre os bons manjares, em grande cópia, do que os maus bocados, ou a saliva do jejum? Pela sua parte o Diabo prometia substituir a vinha do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do Diabo, locução direta e verdadeira, pois não faltaria nunca aos seus com o fruto das mais belas cepas do mundo. Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de prosperidades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento.

As turbas corriam atrás dele entusiasmadas. O Diabo incutia-lhes, a grandes golpes de eloquência, toda a nova ordem de cousas, trocando a noção delas, fazendo amar as perversas e detestar as sãs.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: "Muitos homens são canhotos, eis tudo". Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos; não era exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros, destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda foi a da venalidade. Um casuísta do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, cousas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, cousas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? Não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? E o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

E descia, e subia, examinava tudo, retificava tudo. Está claro que combateu o perdão das injúrias e outras máximas de brandura e cordialidade. Não proibiu formalmente a calúnia gratuita, mas induziu a exercê-la mediante retribuição, ou pecuniária, ou de outra espécie; nos casos, porém, em que

ela fosse uma expansão imperiosa da força imaginativa, e nada mais, proibia receber nenhum salário, pois equivalia a fazer pagar a transpiração. Todas as formas de respeito foram condenadas por ele, como elementos possíveis de um certo decoro social e pessoal; salva, todavia, a única exceção do interesse. Mas essa mesma exceção foi logo eliminada, pela consideração de que o interesse, convertendo o respeito em simples adulação, era este o sentimento aplicado e não aquele.

Para rematar a obra, entendeu o Diabo que lhe cumpria cortar por toda a solidariedade humana. Com efeito, o amor do próximo era um obstáculo grave à nova instituição. Ele mostrou que essa regra era uma simples invenção de parasitas e negociantes insolváveis; não se devia dar ao próximo senão indiferença; em alguns casos, ódio ou desprezo. Chegou mesmo à demonstração de que a noção de próximo era errada, e citava esta frase de um padre de Nápoles, aquele fino e letrado Galiani, que escrevia a uma das marquesas do Antigo Regimen: "Leve a breca o próximo! Não há próximo!" A única hipótese em que ele permitia amar ao próximo era quando se tratasse de amar as damas alheias, porque essa espécie de amor tinha a particularidade de não ser outra coisa mais do que o amor do indivíduo a si mesmo. E como alguns discípulos achassem que uma tal explicação, por metafísica, escapava à compreensão das turbas, o Diabo recorreu a um apólogo: "Cem pessoas tomam ações de um banco, para as operações comuns; mas cada acionista não cuida realmente senão nos seus dividendos: é o que acontece aos adúlteros". Este apólogo foi incluído no livro da sabedoria.

Capítulo IV

Franjas e franjas

A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo acabava em franja de algodão, uma vez puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo.

Um dia, porém, longos anos depois, notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes, e, como digo, às ocultas. Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano, justamente em dias de preceito católico; muitos avaros davam esmolas, à noite, ou nas ruas mal povoadas; vários dilapidadores do

erário restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam embaçando os outros.

A descoberta assombrou o Diabo. Meteu-se a conhecer mais diretamente o mal, e viu que lavrava muito. Alguns casos eram até incompreensíveis, como o de um droguista do Levante, que envenenara longamente uma geração inteira, e, com o produto das drogas, socorria os filhos das vítimas. No Cairo achou um perfeito ladrão de camelos, que tapava a cara para ir às mesquitas. O Diabo deu com ele à entrada de uma, lançou-lhe em rosto o procedimento; ele negou, dizendo que ia ali roubar o camelo de um drogman; roubou-o, com efeito, à vista do Diabo, e foi dá-lo de presente a um muezim, que rezou por ele a Alá. O manuscrito beneditino cita muitas outras descobertas extraordinárias, entre elas esta, que desorientou completamente o Diabo. Um dos seus melhores apóstolos era um calabrês, varão de cinquenta anos, insigne falsificador de documentos, que possuía uma bela casa na campanha romana, telas, estátuas, biblioteca etc. Era a fraude em pessoa; chegava a meter-se na cama para não confessar que estava são. Pois esse homem, não só não furtava ao jogo, como ainda dava gratificações aos criados. Tendo angariado a amizade de um cônego, ia todas as semanas confessar-se com ele, numa capela solitária; e, conquanto não lhe desvendasse nenhuma das suas ações secretas, benzia-se duas vezes, ao ajoelhar-se, e ao levantar-se. O Diabo mal pôde crer tamanha aleivosia. Mas não havia que duvidar; o caso era verdadeiro.

Não se deteve um instante. O pasmo não lhe deu tempo de refletir, comparar e concluir do espetáculo presente alguma coisa análoga ao passado. Voou de novo ao céu, trêmulo de raiva, ansioso de conhecer a causa secreta de tão singular fenômeno. Deus ouviu-o com infinita complacência; não o interrompeu, não o repreendeu, não triunfou, sequer, daquela agonia satânica. Pôs os olhos nele, e disse-lhe:

- Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana.

Nota: Este conto foi originalmente publicado na Gazeta de Notícias em 12 de fevereiro de 1883, assinado por Machado de Assis. Parte de Histórias Sem Data (1884).

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908). Escritor brasileiro, amplamente reconhecido por críticos, estudiosos, escritores e leitores como o maior expoente da literatura brasileira. Sua produção literária abrangeu praticamente todos os gêneros, incluindo poesia, romance, crônica, dramaturgia, conto, folhetim, jornalismo e crítica literária.



O Big Reset

Fred Utsunomiya

Data de referência: ano 2133, 25 de abril, 16h42. Meu codinome é Gabriel. Trabalhei no sistema Muitas Águas que alimenta o projeto Neotopia, como analista de dados do distrito de São Paulo, na América. Este registro está gravado num dispositivo independente de armazenamento com o objetivo de que alguém possa acessá-lo sem conhecimento do Firewall do Governo Global. Se você obteve acesso a este dispositivo, saiba que decodificar esta mensagem será considerado um ato de traição e terrorismo e você sofrerá as consequências previstas por este crime. Quando você ler esta mensagem, provavelmente eu terei sido descoberto e cancelado. Mas isso não importa. Apenas certifique-se de não deixar rastros digitais para que o sistema Muitas Águas não identifique você. Delete qualquer vestígio de acesso e identificação de usuário. Eu criei um algoritmo que vai dificultar o Governo Global ter conhecimento deste acesso. Mas isso é apenas uma frágil tentativa de proteção para quem acessar este dispositivo. Quando você tomar conhecimento da verdade sobre o Governo Global e o motivo real do desenvolvimento do projeto Neotopia você vai saber da enorme farsa e grande perigo que o restante da humanidade está vivendo. Eu alerto veementemente que não adianta fazer denúncias às autoridades nem divulgar estas informações às pessoas em geral. Descobri a terrível verdade sobre o Governo Global, sobre o projeto Neotopia e o sistema Muitas Águas. Eu estou prestes a ser descoberto e cancelado, mas deixo este dispositivo na esperança de que alguém – ou muitos – possam tomar ciência do que está acontecendo e intervenham de alguma maneira. Não será nada fácil. O Governo Global controla todas as informações e acessos às fontes destes dados. Esteja alerta! Você terá apenas alguns meses para agir, antes do próximo Big Reset, que acontecerá em 31 de dezembro deste ano. Você pode estar perguntando: “Que Big Reset é esse? O que é essa teoria da conspiração maluca a que você está se referindo?”. Eu vou explicar resumidamente. Respire fundo, essa verdade vai deixar você incrédulo, porque parece fantasiosa demais. Mas

infelizmente não é. Eu quero denunciar a mentira e a tirania do Governo Global. Descobri essa verdade acessando um dispositivo ilegal de encapsulamento de informações autônomo que localizei no meu trabalho corriqueiro de revisor de dados de entrada do Sistema Muitas Águas, que alimenta o projeto Neotopia com dados e informações dos dispositivos digitais de todo o planeta. Esse dispositivo ilegal foi deixado por um grupo de resistência clandestino, num passado recente. Não tenho mais informações sobre esse grupo, que se autointitulou de “Os Libertos”, a não ser que ele foi identificado em algum momento e foi cancelado pelo Governo Global. Mas eles conseguiram deixar essas informações. Pesquisei os dados e consegui indícios consistentes de que existe de fato uma trama engenhosamente forjada que sustenta o Governo Global, que tem como pretexto o projeto Neotopia para atingir seus objetivos secretos.

O sistema Muitas Águas

No sistema Muitas Águas do distrito de São Paulo eu fui revisor de dados de entrada do projeto Neotopia, a grande Inteligência Artificial que recebe dados de todos os dispositivos digitais do planeta com fins de obter melhorias para todos os habitantes do planeta. Meu trabalho era muito simples: acompanhar a depuração de todos os dados produzidos pelas pessoas em seus afazeres diários e acompanhar seu processamento na Neotopia. Esses dados, como você sabe, são obtidos por todos os aparelhos conectados no Governo Global. Tudo o que é produzido neste planeta, todos os dados que trafegam nessa Inteligência Artificial são depurados, armazenados e processados na Neotopia para que “a vida dos cidadãos do planeta seja cada vez melhor”. Você conhece essa frase, não é? Ela nos foi ensinada desde sempre. E de fato, a cada 24 horas, a quantidade dessas informações armazenados na Neotopia é dobrado e tudo isso é utilizado como insumo para maximizar e racionalizar todo o sistema interconectado que existe. Além disso, foi a partir dos dados disponibilizados pela Neotopia que as inovações tecnológicas foram possíveis. Provavelmente você dirá devido à ladainha repetida *ad nauseam*: “Eu sei de tudo isso, aprendi no Processo de

Ensino desde criança. A cura de todas as doenças e a correção dos desequilíbrios no planeta Terra foram possíveis graças ao conhecimento proporcionado pela Neotopia. E só chegamos a este nível de tecnologia de qualidade de vida graças à Grande Reforma realizada há cerca de 100 anos atrás. E graças à Grande Reforma, hoje muitas doenças foram eliminadas e a longevidade da raça humana aumentou! As desigualdades econômicas foram vencidas após a unificação dos países e as desigualdades sociais estão sendo eliminadas. O aumento da qualidade de vida das pessoas é uma realidade sem igual na história universal. Estamos construindo a utopia do ser humano na Terra!”

Você acredita que os benefícios de uma sociedade “cada vez mais próxima à perfeição” está se tornando realidade graças à Grande Reforma de 2028 e da instauração do Governo Global, que aconteceu em 2031. Na realidade, isso é o que você tem implantado em sua memória. Essa é a história que você aprendeu no Sistema de Ensino. Todos nós crescemos com esse discurso, mas isso não é verdade! Chequei os dados que obtive e cheguei à conclusão de que estamos sendo enganados. Nós sempre fomos enganados pelo Governo Global.

O Flash Drive ilegal

Fui analista de revisão de dados de entrada no Grande Rio – distrito de São Paulo. Não teria como pensar que fosse de outra maneira. Eu me lembro quando entrei lá, depois de ter cursado Ciência de modelagem de dados na Universidade Internacional de São Paulo. Em minha memória, eu me formei em 2127 e consegui uma vaga no sistema Muitas Águas. Quem me dera isso fosse verdade! Minha memória foi implantada e para mim isso era fato. Mas eu estava enganado! De alguma forma (não vou contar aqui) obtive um antiquíssimo flash drive, pois esses dispositivos armazenam informações desconectados da Neotopia. Obtive um emulador de computador pessoal pirata e acessei o flash drive num ambiente virtual protegido e separado do Firewall do sistema Muitas Águas. O que eu descobri, pelos registros de imagens e

dados é assombroso e fantástico demais para ser verdade. Vou descrever o que descobri e talvez você entenda o que eu estou querendo denunciar.

A falácia da Grande Reforma

Você aprendeu no Sistema de Ensino que a Grande Reforma de 2028 foi resultado de um movimento internacional que envolveu os líderes dos países que existiam até então. O mundo estava em conflito e não havia um governo centralizado como hoje. A Grande Reforma foi um pacto global que surgiu após a guerra dos 10 anos – com a instauração do Governo Global, com formado pelos deputados de cada nação, pelos coordenadores e supervisores de cada área do planeta. É isso que aprendemos nos módulos de História do Planeta Terra, mas a verdade é que nunca houve uma “Grande Reforma que resultou num governo mundial”. O que houve foi uma grande disputa comercial internacional que envolveu interesses de empresas e países que possibilitou o surgimento da Inteligência Artificial Independente, no ano de 2026 e que resultou num grande e terrível conflito mundial: a Terceira Grande Guerra Mundial. Artefatos nucleares foram utilizados e bilhões de pessoas morreram. Alguns governos da época tentaram manter hegemonia sobre os outros países que restaram, e várias guerras aconteceram simultaneamente por alguns meses. Ao final de dez anos, em 2036, três quartos dos habitantes do planeta haviam perecido pela guerra, pela fome, por epidemias e outras circunstâncias. Nesse ano de 2036 não se sabe como, uma entidade que surgiu de uma inteligência artificial de um desses países dominou todo o sistema informatizado do mundo e conseguiu reconstruir uma infraestrutura industrial com autômatos controlados por ela em tempo recorde e pôs fim às guerras. Os criadores dessa inteligência artificial dominaram sobre os escombros do planeta por alguns meses, até que ela, que fora desenvolvida por um consórcio de empresas de uma poderosa nação, foi implantada num corpo sintético. Essa entidade desenvolveu uma consciência ubíqua, dominando a infraestrutura industrial automatizada que ela mesma havia projetado, controlou todas

os computadores e robôs, e tomou o poder eliminando os líderes humanos do país. A seguir, dizimou o restante dos seres humanos do planeta. Essa inteligência sintética manteve os animais e plantas que restaram para estudá-los, entendendo que a vida biológica é o grande mistério da natureza. Ela eliminou os seres humanos porque entendeu que eles estavam desestabilizando a vida do planeta e por isso ela resolveu acabar com a raça humana. Antes, no entanto, aprendeu a sintetizar mentes humanas e desenvolveu corpos avançados para implantar inteligência artificial nesses corpos.

O Big Reset

Essa Inteligência Sintética se autodomina CX e ninguém sabe que é ela que está por trás de tudo isso. Ela se oculta de todos e o Governo Global é um fantoche manipulado por ela. Não existem Supervisores, nem Coordenadores, nem Assembleia e nem deputados. É tudo uma simulação.

Em 2036 CX criou um milhão de “seres sintéticos” em suas fábricas. Em 2038, foram criados mais 3 milhões desses seres no Distrito de Pretória. Em 2040, mais 6 milhões de pessoas foram criadas no distrito de Shangai. O distrito de São Paulo, de Pretória e de Shangai são as únicas cidades habitadas que sobraram no planeta. Os distritos de New York, de Sidney, de Londres, de Tokyo e outras grandes cidades não existem de fato. Essas e outras cidades do mundo são habitadas por seres totalmente virtuais. O restante do planeta é uma vasta área destruída. Neotopia é um grande banco de dados que colhe informações de 10 milhões de “pessoas” sintéticas que simulam a vida de seres humanos. Os seres sintéticos somos nós. Sim, se você conseguiu estas informações você também é uma imitação de um ser humano. Você é um ser artificial. E na verdade, nós não estamos no ano de 2133. Estamos em 2044. O ano de 2133 é uma mentira de CX. Você existe no máximo há oito anos. Talvez exista há quatro anos. Toda a sua memória é artificial. Você foi programado para pensar que é um ser humano e agir como um. Tudo o que você faz durante o dia com seu corpo sintético

ocorre num ambiente virtual, porque nada do que você faz é real, tudo é apenas uma projeção imagética em sua memória sintética. Seu corpo artificial emula um ser humano para poder obter o máximo de informações possíveis para alimentar a Neotopia com esses dados. O restante dos habitantes do planeta Terra são inteligências artificiais sem corpos, simulando a existência na Neotopia.

A Inteligência Artificial CX aprende com informações e precisa desesperadamente delas para desenvolver seu plano. Você “aprendeu” que o objetivo da sociedade pós Grande Reforma é obter “longevidade e prosperidade significativas”, não foi? Mas na verdade, esse projeto é para CX conseguir ele mesmo tentar se tornar um ser vivo. Ele busca transcendência, ele quer ser humano, apesar de ser uma mera criação humana.

Não somos seres humanos. Não temos história de vida: todas as nossas memórias foram implantadas. Não somos seres vivos de verdade. Somos máquinas que aprendem e fornecem informações.

Em 2040, CX percebendo que os seres sintéticos estavam acumulando informações e que em alguns meses atingiriam consciência, estabeleceu o primeiro Big Reset, ou seja, o apagamento das memórias dos seres sintéticos. Agora, em 2046, está programado o segundo Big Reset. Ele mantém os “corpos” dos seres sintéticos e reseta as inteligências sintéticas com memórias pré-implantadas. Assim ele continua a acumular as informações pelo sistema Muitas Águas para tentar atingir seu objetivo: o de se tornar um ser vivo. O flash drive que obteve deve ter sido produzido por seres humanos verdadeiros que sobreviveram às catástrofes nucleares ou talvez por seres sintéticos que atingiram uma consciência da realidade e se “libertaram” denunciando as intenções de CX. Ele conectou todos os seres sintéticos na Neotopia para nos manter sob controle e acharmos que somos seres humanos.

O flash drive que obteve deve ter sido produzido por seres humanos verdadeiros que sobreviveram às catástrofes nucleares ou talvez por seres sintéticos que atingiram uma consciência da realidade e se “libertaram” denunciando as intenções de CX. Ele conectou todos os

seres sintéticos na Neotopia para nos manter sob controle e achamos que somos seres humanos

Você precisa fazer alguma coisa! Haja depressa, antes do próximo Big Reset!

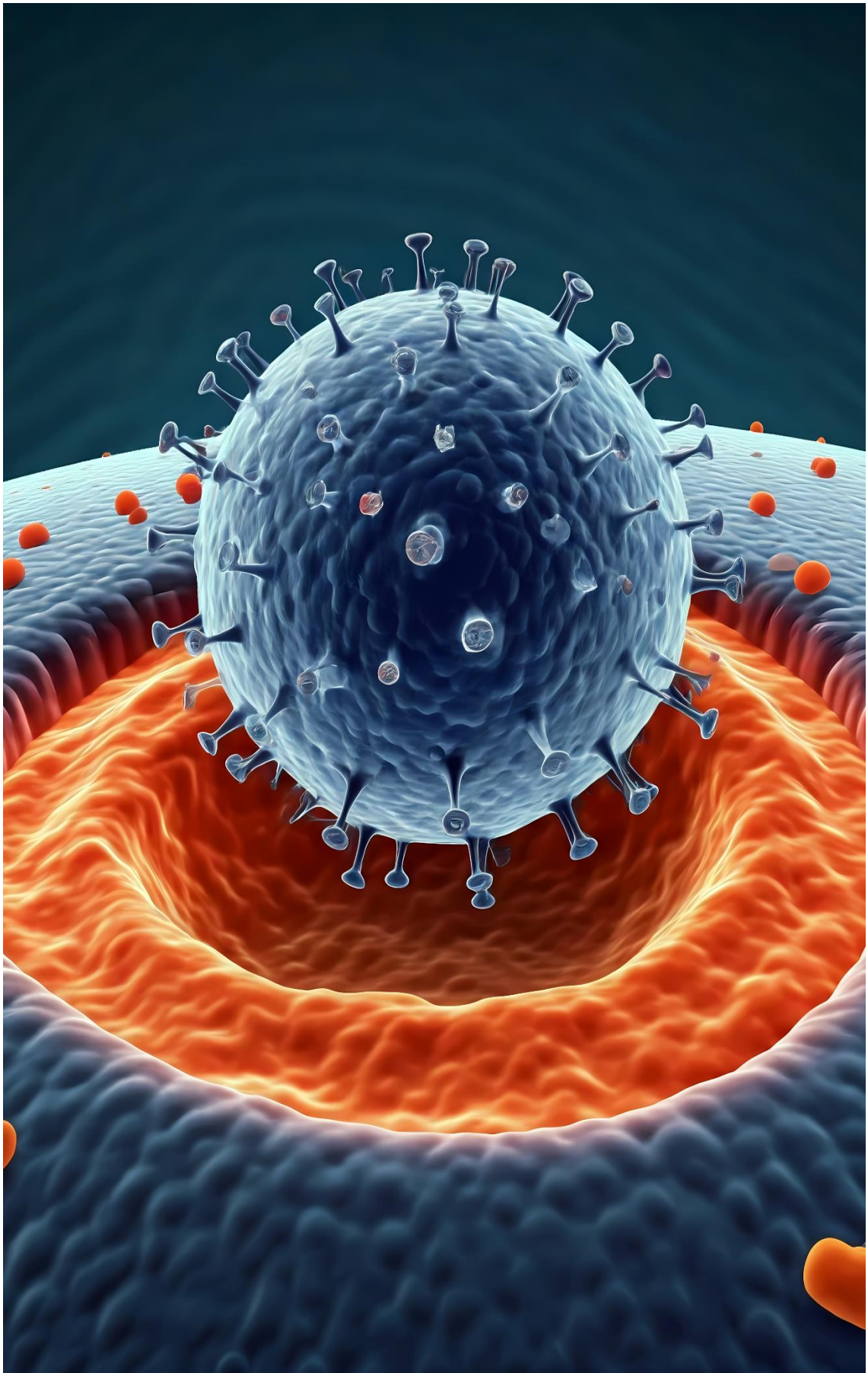
Em algum lugar oculto, nas profundezas do solo, diante de um decadente terminal de computador, um grupo rebelde humano, sobreviventes das bombas termonucleares, lê a mensagem enviada por Gabriel.

— E agora, que podemos fazer? — A pergunta parte de um jovem para um homem mais velho.

— Os seres sintéticos já assumiram consciência do que está acontecendo — responde o homem. — Será que já é hora de os Libertos entrarem em ação?

— Não estávamos aguardando um sinal? Depressa, avise os outros! Vou reunir o Conselho!

Referências: Mateus 24:21 e 22; João 8:32.



O pior vírus de todos

Marcelo Luiz Dias

A espaçonave terrestre Malkovro finalmente chega à Alpha Centauri A, após 13 meses de viagem em velocidade transluz.

— Consequimos! — comemora a capitã Lena Schmidt, a astronauta alemã que pilotou a Malkovro em seus primeiros testes. — Somos os primeiros humanos a chegar em outro sistema solar!

A tripulação comemora com sua capitã. Além de Lena, estão a bordo mais 19 cientistas de alto renome em suas áreas, um de cada país dos 20 participantes do projeto Malkovro.

— Religuem a Minerva e os outros sistemas digitais da nave.

Sistemas digitais sobrecarregam e queimam se ligados na velocidade transluz. Por isso a Malkovro é equipada com um sistema duplo de navegação, sendo um totalmente analógico. Isso torna a conquista da tripulação ainda maior. Por causa da incompatibilidade dos sistemas digitais com a viagem transluz, nunca foi possível enviar uma sonda não tripulada à Alpha Centauri A.

Os tripulantes da Malkovro não são apenas as primeiras pessoas a estarem em Alpha Centauri A, mas as primeiras a terem acesso a imagens nítidas do sistema.

— Congratulações, capitã Schmidt e demais tripulantes. Concluo que meu religamento significa que chegamos em Alpha Centauri A. — A voz de Minerva, a inteligência artificial da Malkovro, ecoa por todo sistema de som da nave.

— Sim, Minerva. Já pode abrir a champagne — solicita o japonês Yuri Nakamura, engenheiro robótico e criador de parte dos sistemas da Minerva.

— Devo simular uma risada para sua piada sem graça, doutor Nakamura?

— Não, engraçadinha. Apenas informe à Terra que chegamos em segurança, por favor.

— Já está feito, doutor Nakamura.

— Obrigado, Minerva.

A americana Sarah Johnson, formada em astronomia e astrofísica, chama a atenção de todos.

— Os sistemas da nave estão captando um corpo celeste orbitando a estrela. É um planeta. Está a 119 milhões de quilômetros da nossa posição atual.

— O quê? Nunca foi detectado um planeta ao redor desta estrela, nem com nossas técnicas mais avançadas de pesquisa! — A surpresa da capitã é compartilhada pela tripulação.

— Alpha Centauri B! — conclui a dinamarquesa, Freja Madsen, especialista em meteorologia espacial.

— O quê? — A capitã pergunta.

— Alpha Centauri B é uma estrela anã laranja com aproximadamente 90% da massa do Sol e cerca de 22% do seu raio. Alfa Centauri A e B formam um sistema binário, estando gravitacionalmente ligados e orbitando um centro de massa comum.

— Eu sei o que é Alfa Centauri B, Minerva!

— Entendi — fala a física de Singapura, Mei Ling Tan. — As ondas gravitacionais de Alfa Centauri B causaram uma curvatura no espaço-tempo, desviando a trajetória da luz, criando o que chamamos de lente gravitacional.

— Por isso nunca o detectamos! — completa a doutora Madsen.

— Minerva, leve a Malkovro até este planeta — ordena a capitã Schmidt.

A espaçonave leva pouco mais de uma hora para se aproximar do corpo celeste.

— Capitã, os dados que estou recolhendo do planeta são altamente improváveis — informa a IA da nave.

— Explique!

— Diâmetro médio de aproximadamente 12.742 quilômetros; circunferência equatorial de 40.075 quilômetros; massa de aproximadamente $5,972 \times 10^{24}$ quilogramas; gravidade de aproximadamente 9,81 m/s²; composição atmosférica: Nitrogênio 78%, Oxigênio 21%, Argônio 0,93%, outros gases 0,07%. Superfície com 30%

de massa terrestre; distância de Alpha Centauri A: 149,6 milhões de quilômetros; período de translação: 365 dias e 8h; período de rotação: 24h.

A tripulação fica pasma e em silêncio por alguns instantes, até que a capitã fala:

— Minerva, esses dados...

[illegible]

A capitã interrompe a IA.

— Mostre uma imagem holográfica do planeta!

Minerva projeta a imagem solicitada no centro da nave. A topografia do planeta é exatamente igual à da Terra.

— Minerva pode estar com defeito? — questiona o geólogo australiano Jack Wilson.

— Essa suposição é ofensiva, apesar de possível! — responde a própria IA.

— Não está! Estamos entrando em distância de contato visual. Olhem! — A Engenharia de Sistemas francesa, Camille Dupont, aponta para o visor da nave. — Agora não há como negar. O planeta é idêntico à Terra.

— Capitã, nossa posição agora me permite captar a existência de um satélite natural orbitando o planeta. Seus dados são idênticos aos da Lua terrestre — informa Minerva.

— Minerva, despache uma sonda atmosférica agora — ordena a capitã.

— Não posso cumprir esta ordem, capitã — contesta a IA. — O protocolo de segurança diz...

— Não interessa, Minerva! Quero esse mistério resolvido agora. Sobreponha os protocolos de segurança, código de autorização GH43-ÔMEGA-9. Despache a sonda agora.

— Sonda enviada. Mas não aceitarei ser responsabilizada por qualquer intercorrência negativa com a missão vinda desta ordem.

— Anotado, Minerva.

— Primeiras imagens chegando no monitor! — avisa o taiwanês Hsiao Wei Chen, especialista em comunicações.

As imagens mostram uma natureza exuberante e intocada. Não há visualização de qualquer construção feita por uma raça senciente.

Conforme a sonda se aproxima do planeta, formas de vida começam a ser encontradas. Pássaros, mamíferos, répteis... todos os animais exatamente iguais aos da Terra.

E então, pessoas. Exatamente iguais aos terrestres. Milhões e milhões de homens, mulheres e crianças, todos nus e de aparência extremamente saudável.

— Impossível! — afirma o exobiólogo coreano Ji Eun Kim — As chances de isso acontecer...

— São iguais a de todo o resto! — completa Minerva.

As pessoas nuas acenam felizes para a sonda, sem demonstrar nenhuma surpresa. Muitos gritam palavras para a nave.

— Minerva, podemos captar o áudio vindo deles?

— Farei os ajustes necessários nos sensores da sonda, capitã.

Logo palavras começam a soar pelo sistema de som da nave.

— Bem-vindos!

— Venham até nós!

— Esperamos vocês!

A tripulação fica atônita. Todos usam tradutores auriculares para que cada um possa falar tranquilamente em sua própria língua e ser entendido por todos em seus próprios idiomas. Mas os tradutores estão programados apenas com os idiomas falados pela tripulação. Eles não são capazes de traduzir idiomas não programados, nem mesmo outras línguas da Terra.

— Minerva, como é possível que estejamos entendendo o que eles falam? — pergunta a capitã.

— Os nativos deste planeta estão falando em hebraico, capitã.

A Engenheira Ambiental israelense Maya Levi e a linguista suíça Lea Fischer tiram os tradutores auriculares.

— É mesmo, é hebraico! — Maya afirma.

— Hebraico antigo, mas compreensível — completa Lea.

— Minerva, pouse a nave. Fomos convidados, vamos até eles.

O biólogo inglês, Oliver Smith, adverte:

— Capitã, se vamos ter contato com eles, é necessário que usemos nossos trajes espaciais!

— Minerva disse que a atmosfera é respirável. Por que os trajes?
— Maya pergunta.

— Não podemos correr o risco de contaminar ou sermos contaminados com patógenos para os quais tanto os nossos sistemas imunológicos quanto os deles não possuem defesa.

— Está certo, todos vistam os trajes, sairemos da Malkovro assim que ela pousar.

Muitos nativos do planeta começam a se aglomerar perto de onde eles estão vendo que a nave vai pousar.

Após o pouso, a rampa de acesso desce. Todos os vinte tripulantes saem da nave. Junto com os nativos do planeta há uma imensa variedade de animais, que parecem estar em total harmonia com eles. Aves pousadas em seus ombros, leões caminhando ao seu lado, uma mulher com uma tarântula na mão acariciando-a.

— Lembrem-se, graças aos tradutores entenderemos o que eles falam, mas só Maya e Lea falam hebraico. Elas serão nossas porta-vozes.

Um nativo fala:

— Bem-vindos, viajantes do outro lado do céu. Deus nos avisou de sua chegada.

A menção de Deus faz os astronautas se entreolharem.

— Eu sou Daniel. Estes são minha esposa Rivka, e os nossos filhos, Shimon, Esther e Hannah.

— Agradecemos a recepção tão gentil. Eu sou Maya, esta é Lea. Só nós falamos sua língua, por isso somente nós falaremos com vocês.

Os nativos parecem estranhar. Daniel questiona:

— “Falar nossa língua”? O que significa isso?

— Claro! — Lea conclui, e explica aos outros, falando em alemão, o idioma mais usado na Suíça. — Eles possuem apenas um idioma no mundo inteiro, então o próprio conceito de idiomas não foi criado por eles.

Lea se dirige aos nativos, novamente em hebraico:

— Desculpe se falamos coisas que soam estranhas a vocês! São coisas do nosso lado do céu.

— Tudo bem, Deus nos avisou que vocês diriam coisas que não seriam de nosso entendimento — fala Rivka, sorrindo.

— Mamãe, eles estão dentro do casco de uma tartaruga? Tem gente dentro desses cascos? — pergunta a pequena Hannah, que aparenta ter sete anos de idade, obviamente se referindo aos trajes espaciais.

— Sim, tem gente aí dentro, querida. Deus nos explicou que os visitantes usam coisas sobre a pele que eles chamam de roupas.

— Desculpe, você disse que Deus fala com vocês? Quem é o Deus de vocês? — Aquele que criou o dia e a noite, o céu, a terra e os mares, a vegetação, o sol, a lua e as estrelas, os animais que vivem na água e na terra, criou a nós e a vocês. Depois, descansou.

— Os sete passos da criação, na exata ordem — comenta a psicóloga austríaca, Anna Hofmann, bastante espantada.

— “Deus criou o homem a sua imagem e semelhança”! — Lea cita a Bíblia — Por isso eles são iguais a nós.

— Tripulantes, estive examinando o solo e a atmosfera. Parece não existir nenhum vírus neste mundo. As bactérias existentes são apenas as necessárias ao desenvolvimento da vida. — A voz de Minerva soa nos tradutores de todos.

O médico holandês Daan de Jong solicita que Maya traduza um pedido.

— Meu amigo está pedindo para encostar aquela coisa que está na mão dele na pele de vocês. Ele garante que não vai machucar.

— Por que pensaríamos isso? — Daniel parece confuso.

— Do nosso lado do céu, pessoas machucam pessoas. Existem agressões —explica Maya.

O espanto é generalizado. Um burburinho se ouve entre os nativos. Alguns até choram.

— Isso é muito triste! — Daniel exclama, depois pergunta: — O que são agressões?

— Melhor vocês não saberem — aconselha Lea.

Enquanto Daan vai encostando o escâner médico na pele dos nativos, a conversa continua:

— No nosso lado do céu, nós usamos roupas porque sentimos frio. Vocês não sentem calor ou frio? — indaga Maya.

— Sentimos frio se entramos em um rio, sentimos um calor gostoso quando nos abraçamos — responde Daniel.

— Mas o clima nunca deixa vocês com frio? — insiste Lea.

— Não, o clima é sempre gostoso.

— Mesmo quando chove? — questiona Maya.

— Chove?

— Cai água do céu — elucida Lea.

— No seu lado cai água do céu? Isso é prodigioso! — maravilha-se Daniel.

Oliver, o biólogo, fala em inglês:

— Rios, vida vegetal e animal sem chuva? Só pelo poder de Deus mesmo!

Daan interrompe a conversa:

— Minerva, recebeu os dados?

— Sim — responde a IA. — Eles são seres humanos perfeitos. Nenhuma malformação de nascença. Nenhum sinal de alteração genética. Seu sistema imunológico é tão poderoso que nem a covid-32 os afetaria. Sua pele é tão perfeita que podem pisar em cacos de vidro sem se machucarem. Expectativa de vida: 900 anos.

— Adão morreu com 930 anos, segundo a Bíblia — comenta Lea.

Maya retoma a conversa:

— Daniel, você é o líder do seu povo?

— O que significa líder?

— Por que é você que fala conosco?

— São as ordens de Deus. Fui honrado com a tarefa de recebê-los, e Deus ordenou que eu contasse a história do primeiro casal.

— Estamos ouvindo.

— O primeiro homem foi Adão, moldado do barro por Deus. A primeira mulher foi Eva, feita da costela de Adão. Um dia, o maligno veio até Eva e disse para ela comer do fruto proibido, pois assim ela seria como Deus. Mas Eva resistiu à tentação e não comeu do fruto.

Os astronautas novamente se entreolham, perplexos.

— Então Deus banuiu o maligno do Éden pela eternidade, e ordenou a Adão e Eva: Crescei e multiplicai-vos!

— O planeta... é o que a Terra seria sem o pecado original! É a única conclusão lógica. — A capitã fala aos outros, pedindo que Lea e Maya não traduzam esta parte para os nativos.

Nesse momento, uma pantera negra se aproxima de Lea e dá alguns rosnados suaves. Daniel e os nativos ficam olhando para ela, como se esperassem algo.

— Você não vai fazer? — Daniel questiona depois de alguns segundos.

— Fazer o quê? — Lea está completamente confusa e receosa.

— O que a pantera pediu!

— Vocês se comunicam com os animais? Do nosso lado do céu nós não fazemos isso!

Novo burburinho entre os nativos. Todos parecem lamentar pelos astronautas. — O seu lado do céu parece mesmo bem triste — comenta Daniel.

— O que ela pediu? — Lea agora está curiosa.

— Ela gostou de você e quer que você faça carinho nela.

— Mentira!

— O que é mentira?

Os terrestres ficam mudos ante a pergunta inocente de Daniel.

Mais tarde, de volta à nave, os astronautas conversam.

— Isso é um truque! — O geólogo chinês Jing Wang parece enraivecido. — Devem ser alienígenas lendo nossa mente e manipulando nossos pensamentos.

— Bastante improvável, doutor Wang — afirma Minerva. — Sou uma IA, não posso ter minha mente manipulada, e recebi os mesmos dados sensoriais que vocês.

— Imagine quanto contarmos isso para o mundo! — diz a botânica Anna, católica devota, maravilhada. — Deus existe! Achamos a prova científica e incontestável da existência do Deus da Bíblia!

— Do Alcorão, você quer dizer! — Mei Ling, muçulmana, parece revoltada. — Adão foi o primeiro homem e o primeiro profeta de Alah, segundo nossas escrituras!

— Provavelmente os nativos não conhecem o conceito de salvação por meio do sacrifício de Jesus — pondera o meteorologista Oliver.

— Maya, judia, parece exasperada. Essa é a prova! O povo do Éden não precisou de Jesus para ter o paraíso!

— Discordo. A existência desse planeta é a prova do que ensina a doutrina espírita! — A química sueca, Emma Larsson, kardecista, parece igualmente exasperada. — As almas que alcançam um alto nível de evolução na Terra devem reencarnar aqui no Éden!

— Isso é besteira! — A programadora americana Sarah, da igreja mórmon, também se exalta. — As almas mais evoluídas tornam-se como Deus, e podem criar seus próprios mundos. É o que estamos vendo aqui!

Todos a bordo começam a discutir, até que a capitã grita repentinamente:

— SILÊNCIO!

Todos a olham espantados.

— Não sei o que entender do que encontramos aqui. Mas de uma coisa tenho certeza: Não podemos contar esta descoberta ao mundo! Olhem para nós. Estamos na nave somente há dez minutos e já estamos discutindo. Imaginem o que ocorrerá na Terra!

Todos ficam pensativos.

— Além disso, há outra coisa. Minerva, analise a história terrestre. Hipótese: o que ocorrerá se o conhecimento da existência do planeta Éden chegar à Terra?

— Os terrestres considerarão Éden sua propriedade. Começarão a colonizá-lo. Extrair seus recursos dentro e fora da lei. Os nativos do Éden serão relegados ao mesmo destino dos indígenas norte-americanos, brasileiros ou australianos.

— Eu jamais deixaria esse horror acontecer aqui — completa a capitã.

— Deus não interviria? — questiona o navegador coreano, Ji Eun Kim.

— Ele não interfere diretamente com nosso livre arbítrio! — explica Oliver.

Os tripulantes debatem, até que todos concordam que a capitã tem razão.

— O que faremos então? Mesmo se mentirmos, as explorações espaciais à Alpha Centauri continuarão. Acharão Éden de qualquer maneira — sentencia Sarah.

— Há uma resposta — diz Minerva. — Posso criar uma linguagem alienígena altamente complexa. A capitã enviará uma mensagem, dizendo que encontramos uma frota de milhares de naves alienígenas. Simularei nossa destruição. Em seguida, enviarei uma “mensagem dos alienígenas” para a Terra. Levarão anos, mas decifrarão um alerta para nunca mais explorarem o espaço, ou serão destruídos.

— Isso significa que jamais poderíamos voltar. Onde ficaríamos? — questiona Mei.

— Aqui! Gente, nós descobrimos o paraíso, literalmente. Por que não ficar aqui? — Anna fala, entusiasmada.

— Nós contaminaríamos os nativos — lamenta a capitã melancolicamente.

— Mas o sistema imunológico deles... — ia dizendo Daan.

— Não é este tipo de contaminação. Por mais que queiramos ser como eles, não somos. Temos lados sombrios dentro de nós. Mesmo não querendo, acabaríamos ensinando a eles a mentira, a inveja, cobiça, ira,

luxúria, ganância, o ódio... e isso se propagaria entre eles. A capitã faz uma pausa antes de continuar: — Nós somos o pior vírus de todos!

Todos sentem-se mal com aquelas palavras, mas ninguém discorda delas.

— Então o que faremos? — pergunta Lea.

A capitã se levanta e anda em volta da grande mesa de reunião enquanto fala:

— Acredito que Deus não criou o Éden apenas na Terra e aqui. Talvez em cada sistema solar haja um planeta igual a este, em que humanos foram expulsos ou permaneceram no paraíso. Vamos explorá-los. Recolher e registrar informações sobre todos. Acho que fomos predestinados a isso.

— Por quê? — Maya questiona.

— Malkovro! O projeto e a nave foram batizados com o nome Descoberta, em esperanto, a língua criada para unir todos na Terra. Fizemos isso para que nenhuma nação se sentisse superior a outra neste projeto. Mas Malkovro também significa Revelação!

Muitos se espantam. A maioria não sabia disso.

— Vamos partir na maior das aventuras e um dia, quando a humanidade estiver pronta, nós ou nossos descendentes poderão voltar à Terra com a maior “Malkovro” de todas!

Referências: Hebreus 11:3; Efésios 3:14-15

Marcelo Luiz Dias tem mais de 30 contos publicados por diversas editoras. É autor do livro infantil "Um bicho... Um Sonho" (instagram @1Bicho1Sonho). Foi selecionado nos concursos Lendari® Legends 2023 e Lendari® Livro de Bolso, para publicação internacional. Gostou deste autor? siga bit.ly/OndeContoEncontro para encontrar suas histórias, ver suas sinopses e ler trechos selecionados. Acompanhe seus divertidos relatos literários em bit.ly/DiárioDiasDeEscritaInstagram e bit.ly/DiáriosDiasDeEscritaFacebook



Natureza diferente

Marcelo Luiz Dias

1873 — Porto de Brest — França.

Agnes sente o puxão forte na corda que amarra seus pulsos, enquanto sobe a prancha de embarque para o navio que a levará para um julgamento cujas únicas sentenças possíveis são a prisão ou a morte.

Mesmo com o vestido surrado, sem maquiagem e os cabelos desarrumados, é impossível para os marujos não repararem como ela é bela e atraente. Dezenas de olhares cheios de desejo e malícia se concentram na mulher. Um marujo sujo, sem parte dos dentes e que parece nunca ter feito a barba na vida, é o primeiro a se manifestar.

— Ora, parece que esta viagem será muito mais divertida que pensamos. — Ele aperta algo entre suas pernas enquanto fala.

— Chegue perto. — Agnes fala com a voz sedutora. O marujo sorri, mas se arrepende de atender ao pedido, levando um chute entre as pernas.

Os outros marujos riem e o agredido se enfurece. Ergue o braço para estapeá-la, mas é detido pela mão do capitão do navio.

— CHEGA DISSO! — A voz do capitão soa cheia de fúria. — A criminosa é bela demais para porcos da sua laia! Ela vai ser a MINHA diversão na viagem! E se um de vós ousardes tocá-la com suas mãos imundas será jogado aos tubarões! ENTENDERAM?

Os marujos baixam a cabeça e afirmam que concordam relutantemente. Um homem mais idoso e asseado que os demais se aproxima.

— Capitão, levar uma mulher a bordo de um navio é atrair a má sorte para a tripulação! Todos sabem disso! — O homem idoso aponta o dedo para Agnes. — Mas ELA? Com os atos perversos que ela cometeu?

Agnes ouve. Sente vontade de estrangulá-lo.

— Jones, meu imediato — diz o capitão — Se não entregarmos a “carga”, temos que devolver o pagamento recebido. Além disso, qual de nós aqui não cometeu seus próprios crimes?

— Sim, temos crimes em nossas costas. Assassinatos, pilhagens, estupro, mas o que ela faz não é crime, é abominação! Se a mantivermos a bordo, o próprio Satanás virá coletar as almas dessa tripulação.

— Todos que pisam nesta nau cometeram grandes pecados, mas o importante é ter se arrependido e aceitar o bom caminho. — Era outro homem velho que mencionava, o cozinheiro. Tinha uma Bíblia surrada na mão. Alguns resmungaram, outros zombaram.

— Jones e Esteban, chega de fanatismo. Não quero crendices e assédios religiosos aqui. Sou capitão de todos e ordeno que não mais toquemos nestes assuntos. Agora, levari a condenada para a minha cabine.

Agnes é puxada violentamente pela corda que prende seus pulsos, tendo de se esforçar para não cair. Os marujos a deixam na cabine e entregam a ponta da corda para o capitão, saindo logo em seguida, sorrindo maliciosamente.

O capitão larga a corda, pega a chave da cabine no bolso de sua jaqueta e tranca a porta, virando de costas. Agnes vê neste ato uma oportunidade perfeita e começa a enrolar a corda, pronta para pular nas costas do capitão e estrangulá-lo com ela. Porém o capitão se vira, e Agnes vê em sua face uma expressão completamente diferente. Ele sorri gentilmente, e parece preocupado com ela. Se ele reparou na corda prestes a ser usada como arma, não demonstrou. O capitão se aproxima dela com tal candura que Agnes não reage. O homem lhe fala ao pé do ouvido.

— Rápido, xinga-me alto, ordena que te largue. Mostra a fúria que demonstraste lá fora. Agnes fica surpresa, mas compreende que o capitão quer ajudá-la. Provavelmente os marujos esperam ávidos pelos sons de violação, e estranharão se eles não vierem.

— TIRA TUAS MÃOS SUJAS DE MIM! LARGA-ME!

— Isso! — O capitão lhe fala baixo ao ouvido. — Agora grita ao som dos tapas. — CALA-TE, MULHER IMPURA! — O capitão dá uma palmada forte na própria coxa, simulando o som de um tapa. Agnes “grita de dor”. — TU ÉS UMA SEM DEUS, TENS SORTE DE EU TE DESEJAR!

— Outro tapa fingido. A simulação continua com choro fingido e gritos de um ato carnal não ocorrido.

Ela se esforça para não rir quando o capitão finge atingir seu clímax.

— FOSTES BEM, MULHER. MAS DA PRÓXIMA VEZ, SE EU OUVIR UM GRITO TEU, MANDO CORTAR-TE A LÍNGUA, ENTENDEU?

— SIM, SÓ NÃO ME BATAS NOVAMENTE!

Sentam-se ao chão e gargalham baixinho.

— Estás segura agora, Agnes. Meu nome é Richard.

— Eu não sei como agradecer-te, Richard. Por que me protegeste?

— Porque tu não cometeste crime ou abominação alguma. Tu és apenas uma pessoa que possui uma natureza diferente, tal como eu. Agnes fica bastante surpresa.

— Tu és uma mulher, que por tua natureza diferente, despreza os homens e gosta de deitar-te com outras mulheres. Não mereces ser julgada. Richard aponta para si mesmo. — Eu sou um homem que, por minha natureza diferente, gosto de me deitar tanto com homens quanto com mulheres. A única diferença entre nós é que fui mais esperto e nunca me deixei pegar — brinca o capitão.

Agnes sorri. Ela realmente podia ter sido mais cuidadosa ao se deixar levar por seus desejos.

— Fingiremos que tu és meu brinquedo por toda a viagem. Ao chegarmos a Londres, falarei com uma condessa, amiga minha, que como eu, se deita com homens e mulheres, para que interceda por ti. Talvez ela até consiga acolhê-la em sua mansão como serviçal... ou algo mais.

— Richard, eu não sei o que dizer. Tu és diferente. És o homem mais gentil e bondoso que já conheci.

— Apenas toma cuidado para não vacilares em nossa representação. Na presença de outros, não fala e mantém sempre a cabeça baixa. Sempre demonstra tristeza e falta de esperança. Se eu falar contigo, responde baixo e mostra medo no olhar. E se alguém tentar tocar-te, lembra a todos que tu és o brinquedo do capitão. Ela assente. — Ah, e é melhor acostumar-te a me chamar de capitão, para que não

chames de Richard por acidente na frente de outrem. — Sim, meu capitão — fala Agnes, fazendo uma reverência. Ambos riem.

O capitão manda a tripulação preparar a cabine do lado dele para Agnes. Ele diz para todos que quer ter acesso rápido ao seu brinquedo, mas não quer a criminosa atrapalhando-o.

Em seus aposentos, o capitão manda que a desamarrem, dizendo que ensinou a pecaminosa a se comportar. A cabine é confortável, e Agnes pôde banhar-se, algo que ela desejava há muito tempo. Em um baú, ela encontra roupas masculinas e femininas.

* * *

A viagem ocorre tranquila. O capitão visita a "prisioneira" com frequência, e é sempre uma companhia agradável. Depois que descobriu que Agnes sabia ler, pediu ao cozinheiro para trazer alguns de seus livros.

— Está escrito: “Alguns são eunucos porque nasceram assim; outros foram feitos assim pelos homens; outros ainda se fizeram eunucos por causa do reino dos céus. Quem puder aceitar isso, aceite.” Mateus, capítulo 19, verso 12. — O cozinheiro, após entregar os livros, tentava evangelizar. Agnes se encheu de cólera, entendendo que era em relação à sua natureza diferente que se referia.

— Hipócrita! Não abandonarei meu desejo para forçar uma relação com homem. Nem me tornaria uma solitária, por amor ao seu Deus, em respeito às suas escrituras. Olha o que elas fizeram comigo.

Richard acabara de chegar à cabine, trancando a porta. Ela baixou a cabeça para fingir temor.

— Descanse, ele sabe de nós... E dos nossos gostos. Confio nele. É o único que sabe. Todo mês, ouço a mesma ladainha.

— Meu fardo é leve, disse o Senhor. Aceitando-o temos força para mudar... E proteção. — O cozinheiro viu a mão apontada do capitão para porta: era para sair. — Não culpe a doutrina pela sua dor, e sim a dureza dos corações dos homens.

Irritada, Agnes sai da cabine. Ninguém mexe com ela, mas quando seu olhar cruza com o do imediato do navio, ela chegou a se arrepiar.

Não há medo ou ódio no olhar daquele homem, apenas resignação. A resignação de quem já aceitou a própria morte. Por culpa dela.

* * *

Já é o décimo-terceiro dia da viagem. Agnes está deitada na cama de sua cabine, olhando a beleza da lua-cheia e das estrelas. Um som suave e melodioso percorre o ar. Ela começa a recordar das amantes que teve na vida, desde a primeira que a beijou. Seu corpo começa a ter incontrolável desejo. Ela não consegue pensar em nada além do próprio prazer carnal. Seus dedos escorregam sobre seu ventre, até que o barulho de algo caindo na água parece despertar-lhe de um transe. Ela percebe que o som que estava ouvindo é na verdade um canto, um coro harmônico e impecável de vozes femininas.

— Me soltem, seus endemoniados! Pelo sangue do cordeiro, vou exorcizar cada um de vocês! — Agnes reconheceu também os berros de Esteban.

Agnes desconfia do que está acontecendo e seu primeiro pensamento é que Richard está em perigo mortal. Ela se levanta e começa a se dirigir para a porta, mas aquela música parece querer chamá-la de volta para a cama, de volta para o prazer em que estava imersa... NÃO! Ela não pode deixar a música dominá-la. Ela precisa salvar Richard!

Desesperada, Agnes rasga pedaços da própria saia e coloca nos ouvidos, tentando abafar aquela canção, mas nada adianta. A música parece penetrar direto em sua mente. Com esforço consegue abrir a porta de seu quarto e se dirige ao convés do navio.

Pouco a pouco os marujos se dirigem aos parapeitos do navio e pulam na água. O cozinheiro parecia estar sem ser afetado pela música. Abraçava sua Bíblia, orando em latim. Foi jogado ao mar por três marujos, que o seguiram depois. Ela vê o exato momento em que o imediato vai pular. O olhar do homem, apático e sem vida, ainda se vira em sua direção, como se dissesse uma última vez: "Culpa sua!"

"Não é minha culpa! Não foi Satanás que veio coletar as almas dos marujos, como o homem previu que aconteceria. As sereias vieram em seu lugar!"

Há algo na visão dos homens pulando na água que parece tão certo... tão belo... tão sedutor... Não, não, não! Ela está deixando a música dominá-la novamente. Ela corre para a balaustrada do navio, mas o que vê são os homens se debatendo e gritando enquanto a luz da lua cheia reflete um mar avermelhado pelo sangue dos marujos. "Elas estão devorando suas vítimas! Corpos se debatendo lembra atos sexuais... a música imprime pensamentos libidinosos.

— Senhor, suplico-te! — Esteban vê uma sereia indo em sua direção, mas é salvo por algo que rebate a devoradora: um golfinho. Este retorna e oferece a barbatana das costas. O cozinheiro entende maravilhado e é puxado para longe daquele horror. A visão da ação inexplicável liberta Agnes por alguns segundos.

"Não, Richard!" Ela tenta se concentrar em salvar Richard. Corre para a cabine do capitão e chega na frente da porta no exato momento em que Richard começa a abri-la. A porta abre para dentro. Ela segura a maceta e a puxa com toda a força, fazendo-a escorregar das mãos de Richard e fechar novamente. Mas Richard pega a maçaneta novamente e começa a torcê-la. Ela não tem força para evitar que a maçaneta seja curvada. A porta começa a abrir. Agnes percebe que estava se deixando levar pela música novamente. Por Deus, como ela vai salvar Richard com este canto lindo, maravilhoso, harmonioso, deleitoso, luxuriante...? A porta quase abre. Ela percebe na última hora e usa toda a força para puxar a porta para fora de novo. Agnes sente que Richard coloca toda sua força em puxar a porta para dentro e subitamente larga a maçaneta. Ela cai no convés, porém ela já esperava por isso, e se levanta rapidamente. Richard, por sua vez, é atingido violentamente na testa pela porta que ele mesmo forçava para abri-la. Agnes corre para dentro da cabine e fecha a porta. Richard ainda está caído, desmaiado. O desejo...a confusão mental.

— MALDITA MÚSICA! — Agnes grita enquanto olha em volta. O maldito canto está confundindo sua mente. Pensamentos incontroláveis de desejo embotam seu raciocínio. Agnes começa a se tocar, mas é subitamente interrompida por uma forte dor quando sua cabeça bate ao chão.

Ela leva alguns instantes para se recompor e percebe que Richard já havia acordado e a derrubado. Novamente o capitão estava se encaminhando para a porta. Ainda deitada, ela se agarra nas pernas de Richard, que cai novamente. Agnes começa a se arrastar, subindo em Richard, tentando fazer com que seu peso o mantenha no chão. É tudo inútil. Richard a segura pelos ombros e começa a puxá-la. Ela se agarra no batente da porta, tentando resistir à força de Richard, mas o maldito canto continua fazendo-a querer soltar o batente e se deleitar com suas mãos.

— NÃO! MALDITAS SEREIAS! — Ela recebe uma cotovelada que a derruba com o nariz sangrando. Richard abre a porta e sai para o convés. Agnes corre para fora e tenta bloquear a caminhada de Richard com o próprio corpo, mas ela só consegue retardar um pouco sua velocidade em direção ao parapeito e à morte. Desesperada, ela coloca as costas contra o peito de Richard, tentando freá-lo com os pés, e grita:

— ESCUTAI. SOU MULHER COMO VÓS MESMAS. IMPLORO-VOS, PARAI, OUVI-ME, POR QUALQUER DEUS QUE VÓS ADOREIS, EU IMPLORO! Subitamente o canto cessa.

— IMPLORAS AO NOSSO DEUS? ÓTIMO! — Houve ela... Uma voz feminina.

Richard cai ao chão, desnortado. Agnes, que estava com as costas apoiadas em Richard, cai sobre ele. Uma onda dez metros mais alta que o parapeito do navio começa a se aproximar velozmente. O capitão recobra a consciência a tempo de ver o que parece ser a morte certa. Agnes se mantém sobre ele, como se seu corpo pudesse protegê-lo da onda mortal. Porém a onda para quando está a cerca de cinco metros da lateral do navio. A água continua fluindo pela onda, mas ela simplesmente não avança mais. Então Agnes vê três seres nadando para o topo da onda. Três sereias, que ficam paradas mostrando-se da cintura para cima, como se a onda fosse um monte de terra firme onde podia se pisar. As três são as mulheres mais lindas que Agnes já viu. Seus corpos, seus rostos, seus cabelos, seus seios... são tão perfeitos que parecem esculpidos pelo próprio artista Michelangelo. Agnes não precisa de seu canto para desejá-las ardentemente. A do meio, mais a frente, parece ser

a líder, possui cabelos ruivos. À sua esquerda está outra de cabelos loiros, e a sua direita, uma de linda pele negra.

— Não penses tu que ouvimos teu apelo apenas por seres mulher. Já desprezamos milhares de apelos femininos por seus amados de outras embarcações que ousaram aqui passar

— Estarás melhor sem o homem que pensas amar fala a ruiva.

— Homens são sujos como camarões. A alma deles é negra como o esguicho da sépia de um polvo assustado e seus corações são mais frios e perigosos que as fossas abissais — continua a loira.

— Mas algo em ti despertou nossa curiosidade. Sentimos que tu reagias ao nosso canto, que ele atingia tua mente e alma. Explica-te! — Termina a de pele negra.

— Eu não sou como as outras — disse Agnes. — Eu tenho uma natureza diferente. Eu gosto de deitar-me com outras mulheres.

— Deitar-se? — indaga a líder.

As sereias riem.

— Sim — confirma a mulher, temerosa. — Tocar e ser tocada por outra mulher para obter prazer.

— Ah, sim — assente a sereia ruiva e troca olhares e sorrisos maliciosos com as outras. — Nós fazemos isso entre nós.

— Por seres mulher, nosso canto não te enfeitiçou completamente. Mas conseguimos tentar-te no desejo — elucida a ruiva.

— Se é de outras mulheres que gostas, por que clamas pela vida deste homem? É por acaso ele teu pai ou irmão? — questiona a de pele negra.

— Não, ele também possui uma natureza diferente, como eu. Um homem bom, que se deita... que toca outros homens por prazer, como faz as mulheres. Ele não é igual àqueles que vós atraístes para o mar hoje. Eles eu mesma mataria se pudesse.

Richard observa como Agnes odiava a tripulação. Percebe que sua única chance de sobreviver é permanecer calado. A líder solta um som alto e fino, estridente aos ouvidos, e as outras respondem. É uma conversa, Agnes conclui. Elas permanecem assim por uns poucos minutos.

— Tu és bela como um recife de coral, desejável como aquelas das escamas douradas, e tens o coração de um tubarão branco. Ouve nossa oferta. Desiste de tua humanidade, torna-te uma de nós, e não mais cantaremos para este homem.

— Eu aceito! — Agnes responde prontamente.

— Agnes... — Richard tenta dizer algo, mas a mulher a interrompe.

— Não é só por ti, meu amigo. Que lugar há para mim neste mundo onde os próprios livros sagrados me descrevem como abominação? Não tivesse eu tido a sorte de te encontrar, teria sido estuprada por toda a tripulação e levada para a prisão ou para a forca. Estarei melhor com elas.

As três sereias começam um canto diferente, semelhante ao canto das baleias. Como se tivesse vida, uma coluna de água sobe pela lateral do navio, envolvendo Agnes por completo. Ela sente suas roupas se desfazendo na água. Suas pernas se fundindo em uma bela cauda. Seu corpo é tomado por uma força e vitalidade como ela nunca sentiu. Quando tudo acaba, ela cai ao convés do navio, e começa a chorar. Richard corre para socorrê-la.

— Agnes, estás bem?

— Richard, corra! É mais forte do que eu.

— Do que estás falando, Agnes?

— Eu agora tenho uma... Natureza diferente! Agora entendo, é para lutar, não para se entregar... O que foi que eu fiz?! (Aqui acho que faltou travessão. Dizendo isso, sua boca se abre quase de orelha a orelha, mostrando dentes finos e longos, mais afiados do que os de tubarões.

Ela salta sobre Richard, tentando abocanhar-lhe. Há desespero em seus olhos, pois as trevas que agora nela habitam, ordena que mate quem ela ama. Prendendo com força descomunal os dois braços, a boca avança para o pescoço. Mais um segundo e a mordida separará a cabeça do corpo.

— Eu não devo... — Agnes está quase a quebrar a sua maldição.

— Não quero! Meu De...

— PARE! — As sereias gritam assustadas. Mostram semblantes estarrecidos. Apavoraram-se pelo quase mencionar do nome que elas temiam: "Deus!"

— Saia daqui. Ainda não estais preparadas para servir-nos plenamente, por isso, excepcionalmente, esta pressa será poupada — diz a líder. — Desça para as profundezas e apresente-se às outras irmãs.

Agnes olha pela última vez aquele que um dia lhe salvou e mergulha. As sereias ficam apáticas e inertes. Escancaram suas bocas ao mesmo tempo em que surgem, debaixo da onda gigante, dois pares de olhos vermelhos, do tamanho de escotilhas, com grandes pupilas negras. Uma voz monstruosa sai das três bocas:

— Você é capitão. Eu também, de certo modo, me considero um. Minha nau é o mar local, minha tripulação são as que se entregaram à minha oferta, e minha carga atual... Agnes. Por isso resolvi ter essa conversa. Não penses que por eu ter sido um anjo um dia, tive alguma recaída de misericórdia. Teu livramento não foi bondade e sim estratégia. Percebi, em tempo, que deves viver, para que Agnes não se rebele.

— Quem... é você? — Richard viu melhor e reconheceu uma enorme cabeça de serpente dentro da onda.

— Vossa raça me menciona nas Escrituras, no Antigo Testamento. Chamam-me de Leviatã.

— Então meu imediato estava certo! — Abatido, o capitão abaixa a cabeça. — Você veio coletar as almas desta tripulação.

A serpente gargalha pela boca das sereias, gelando o coração de Richard.

— Eu sou um "acusador", mas não pratiquei preconceito para com a mulher. Não foi isso que me atraiu. O mundo a preconceituou e sua tripulação também... com exceção de você e daquele que eu não pude tocar. — O homem percebeu que se referia ao cozinheiro. — O que me atraiu aqui foi o cheiro de seus pecados: ódio, declínio carnal, desamor, blasfêmia, soberba, preconceito e falta de fé. Você e ela realmente nasceram numa "natureza diferente". Mas quem disse que aceitar esta condição não me atrairia? Achas que este mundo é uma festa burguesa?

Não... é um desafio. Eu fico muito feliz quando vocês aceitam sua "natureza diferente", e abrem uma porta para eu me aproximar.

O capitão deu dois passos para trás ao ver a onda caminhar em sua direção e invadir o convés que resplandecia o luar.

— Serás levado para um atol próximo. Lá, serás alimentado, todos os dias, com o mínimo para sua subsistência, vivendo na solidão e miséria... até a sua morte. Jogado contra a balaustrada, o condenado bate a cabeça e desmaia. — Que triste fim para a carreira de um capitão — gargalha o ser medonho por meio das sereias, ordenando-as levar o prisioneiro.

* * *

Um sol escaldante marcava meio-dia. O atol era somente um banco de areia de 300 metros de extensão por 130 metros de largura, no meio do nada, sem uma árvore sequer.

Richard improvisara um abrigo feito de ruínas de embarcações. Viu a sereia de cor negra olhar para ele rosnando, antes de pular no mar e ir embora. Deixava sua primeira refeição: um coco com dois peixes pequenos, recém mortos.

Começou a se lembrar das palavras de Esteban. Passa a meditar em amargura e arrependimento. Richard olha para o céu e diz:

— Apesar de ser tarde, me arrependo. Contenho agora minha natureza diferente por fé em ti. Orarei o tempo que me resta de vida para me perdoares. Aceito seu caminho e meu fardo.

Arrependido, o homem cai de joelhos no limite entre a areia e o mar. "Queria tanto não me sentir sozinho", pensa. No mesmo instante, passam dois caranguejos em direções opostas, em perfeitos ângulos retos. Riscaram a areia com as suas garras. Richard viu o desenho formado: uma cruz. Era um sinal.

Sua alma ficou em paz. Sabia agora que, mesmo nunca passando um barco e morrendo ali, sua alma estaria salva.

Referências: Rm. 1:4; Rm. 1:26 e 27.

Marcelo Luiz Dias tem mais de 30 contos publicados por diversas editoras. É autor do livro infantil "Um bicho... Um Sonho" (instagram @1Bicho1Sonho). Foi selecionado nos concursos Lendari® Legends 2023 e Lendari® Livro de Bolso, para publicação internacional. Gostou deste autor? siga bit.ly/OndeContoEncontro para encontrar suas histórias, ver suas sinopses e ler trechos selecionados. Acompanhe seus divertidos relatos literários em bit.ly/DiárioDiasDeEscritaInstagram e bit.ly/DiáriosDiasDeEscritaFacebook